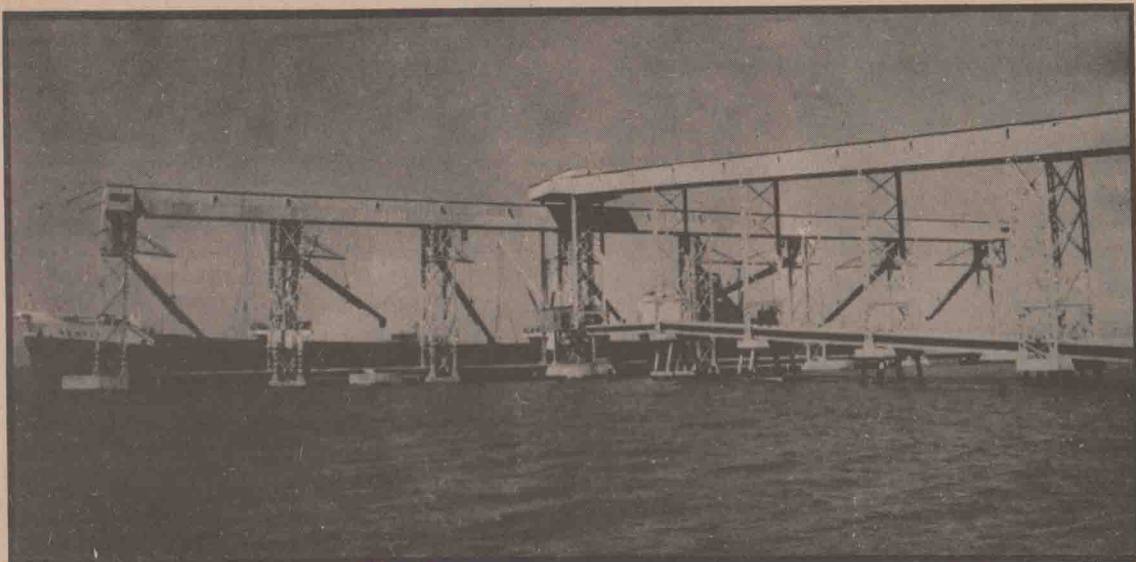




É DOS AGRICULTORES O MAIOR TERMINAL



Vista do pier, obra financiada pelo Banco do Brasil (página 3)

LUIZ FOGLIATTO, O COOPERATIVISTA

Existiram, existem e sempre existirão homens que pela sua tempera, dinamismo e grande visão, inscrevem seus nomes na história das comunidades. Luiz Fogliatto, ex-diretor-presidente da COTRIJUI, foi um desses homens. Quer como empresário quando proprietário da Fonte Ijuí - Ind. e Com. Ltda., quer como agro-pecuarista, proprietário da Granja São Luiz, ou como sócio fundador da então Cooperativa Triticola Serrana Ltda., Luiz Fogliatto foi aquela figura dinâmica que sempre via no amanhã um dia promissor para o futuro da empresa que dirigia. Entusiasmado e entusiasmando outros ruralistas com a doutrina Cooperativista, Fogliatto via em 20 de julho de 1957, nascer aquela que seria, no futuro, uma das suas razões de viver e à qual deixaria seu nome ligado para sempre.

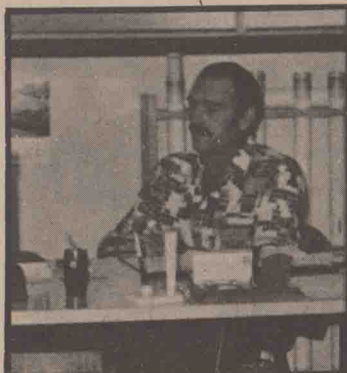
Estava fundada a Cooperativa Triticola Serrana Ltda. Acompanhando o seu lento mas cauteloso desenvolvimento, entregando a sua produção e cooperando sempre para o prestígio da nova Cooperativa, Luiz Fogliatto ajudava o crescimento daquela que seria em breve tempo, a maior Cooperativa Triticola do país. Quando em 2/6/1966 ele foi eleito para a presidência da Cooperativa, iniciava-se um novo e promissor capítulo na história da COTRIJUI. Os investimentos, a expansão e a projeção da cooperativa ganhava a cada dia novo impulso. Apaixonando-se cada vez mais pelo espírito cooperativista, o então já líder incontestado, Luiz Fogliatto, passava a dedicar mais e mais horas a serviço da COTRIJUI, relegando a segundo plano suas horas de lazer. Os planos de novas conquistas, novos investimentos, melhores soluções para os problemas dos cooperativados e a criação de uma infra-estrutura compatível com as necessidades e a projeção da cooperativa, ferviam-lhe na mente e faziam vibrar seu coração. Novos armazéns, construção de vagões graneleiros e, de repente, um sonho lhe interrompe o sono. Um terminal marítimo. Um terminal marítimo? Utopia, diziam uns. Sonho farfaleiro, diziam outros. Obra irrealizável pe-

la iniciativa privada, diziam terceiros. Mas, Luiz Fogliatto nunca foi sonhador. Embora sensível aos devaneios d'alma, era um homem realista que colocava sua férrea vontade no exaustivo trabalho de tornar realidade palpável, aquilo que outros classificavam de sonho.

E chegou o inesquecível dia 29 de dezembro de 1969. Dia memorável não só para a COTRIJUI, para o seu diretor-presidente ou para os associados da cooperativa.

A 29 de dezembro de 1969, pode-se dizer, passou para os anais da história de nosso Estado. Isto porque, iria surgir dentro em breve, através da COTRIJUI, uma obra de infra-estrutura da qual o Rio Grande do Sul carecia. Estudos de viabilidade econômica, contatos com os mais diferentes escalões governamentais foram realizados, ante-projeto foi elaborado e a magna assembleia geral de 27 de dezembro de 1969, entusiasmada e vibrante, aprovava a construção do Terminal Marítimo Graneleiro na 4ª Seção da Barra, em Rio Grande. Era o primeiro passo de uma caminhada gigantesca. Era a base de uma obra inédita que além de beneficiar os milhares de associados da COTRIJUI, viria solucionar um grave pro-

blema no setor do escoamento de safras. Daquela data em diante, Luiz Fogliatto passou a viver cada hora e cada dia com mais ardor cooperativista. Os problemas, que foram incontáveis, diluíam-se ante a perspicácia e a resistência de Fogliatto. A 4ª Seção da Barra em Rio Grande, sentindo o peso do progresso, ia cedendo espaço para centenas de homens e máquinas que derrubavam árvores, abriam enormes túneis e cravavam gigantescas estacas. Num sincronismo orquestral, aqui na região produtora construíam-se 2 gigantescos armazéns graneleiros semi-herméticos, com capacidade para 750.000 sacos de cereais cada um. E o diretor presidente da COTRIJUI estava presente em todas as frentes de trabalho. Quantas e quantas vezes aquele denodado cooperativista viajava durante a noite para não perder horas preciosas de trabalho diário. Ajudado e incentivado por conselheiros e colegas de diretoria, atuantes e confiantes, Luiz Fogliatto, qual um maestro, regia os acor-



Sr. Luiz Fogliatto.

PRESIDENTE DO BB DESTACA O CRESCIMENTO DO BANCO

O Banco do Brasil vem experimentando um crescimento fora do comum. Dirigido sabiamente pelo dr. Nestor Jost, gaúcho de Candelária, é hoje um estabelecimento projetado nas maiores praças financeiras do mundo. Completando suas 828 agências e sucursais brasileiras, sendo 662 instaladas em prédios próprios, o estabelecimento se agiganta no mundo, com agências em Nova Iorque e São Francisco, nos Estados Unidos; Hamburgo, Londres, Lisboa e Paris, na Europa e Tóquio, capital do Japão, abrindo as portas para a conquista da Ásia.

Tendo em vista a importância do Banco do Brasil no concerto da economia nacional, principalmente como financiador de empreendimentos cooperativistas, transcrevemos a seguir trechos da carta do presidente, que acompanha o relatório da diretoria referente ao exercício de 1972.

Diz a certa altura o presidente Nestor Jost: "Conscientes de que uma nação com as dimensões e o ritmo de crescimento demográfico do Brasil, só será economicamente forte se respaldar a ampliação e a modernização das indústrias na adequada exploração das potencialidades do setor primário, redobramos a ênfase dada à agricultura, à pecuária e à mineração."

Visando elevar o padrão alimentar dos brasileiros e a ampliar a nossa participação nos mercados mundiais, secundamos a ação governamental no financiamento da renovação da lavoura de café, no aumento da produção de cana-de-açúcar, soja, algodão, arroz, carne, cacau, mamona, amendoim, pimenta, laranja e fumo, que são os principais sustentáculos da exploração de produtos primários, junto com o minério de ferro, ao tempo que nos associamos a outros organismos objetivando maior produção e produtividade do trigo, milho, feijão e outros cereais.

A despeito de não ter sido um ano muito favorável à atividade agrícola, o produto nacional manteve sua cadência de crescimento acelerado, expressando-se mais uma vez com índice superior a 10 por cento, graças ao dinâmico desempenho dos setores pecuário, mineral, industrial e de serviços."

Referindo-se ao fracasso da safra de trigo, disse o sr. Nestor Jost: "Não obstante os prejuízos sofridos por alguns produtos da lavoura, entre os quais cumpre assinalar a violenta queda da produção de trigo, o nível de colheita de outros garantiu a presença do setor primário com grande destaque nas exportações, além de haver assegurado razoável suprimento interno de alimentos e matérias-primas a um mercado em notável evolução."

No complexo industrial, todos os setores, inclusive a produção de energia elétrica, revelaram aumentos significativos, reclamando maior suprimento de crédito, sendo de salientar nossa presença no financiamento de máquinas e equipamentos que se traduzirão em novas fontes produtivas; de fertilizantes, tratores, caminhões, automóveis, aparelhos elétricos e eletrônicos, papel, cimento, construção e particularmente na petroquímica, cujas grandes unidades entraram em funcionamento no decorrer do ano. As indústrias de alimentação, vestuário e material de construção mereceram igualmente nossa tradicional assistência.

Continuamos dando ao crédito orientação altamente seletiva embora não restritiva, porque a empresa, para o desempenho de suas importantes e intransferíveis tarefas no complexo do desenvolvimento nacional a ritmo acelerado, não consegue se capitalizar convenientemente, necessitando a cada dia de maiores recursos que compete ao sistema financeiro mobilizar e aplicar com eficácia e discernimento."

Destacando a criação do EUROBRAS no exercício, enfatizou o presidente Jost: "Em continuidade ao programa estabelecido, o ano de 1972, a par da complementação dos estudos de mercado que vimos fazendo, caracterizou-se como o de maior expansão externa do Banco pelo início do funcionamento do EUROBRAS, em Londres; das filiais de Tóquio, Paris e Lisboa e do escritório de São Francisco (EUA), que por exigência de sua rápida ascensão está sendo transformado em agência."

Finalizando seu relato, complementou o presidente do Banco do Brasil: "Os altos índices alcançados em todos os setores importantes de nossas dependências internacionais, especialmente seus lucros significativos, face às circunstâncias extremamente mutáveis, conseqüentes de perturbações especulativas que dominaram o mercado financeiro no exercício, testemunham que possuímos as condições que permitem, com relativa segurança, atingir diretamente, ou associados a outras entidades, os mercados mais importantes para o Brasil".

des daquela "sinfonia de labor". O cimento, o aço e o suor, iam deixando plasmados em terras de Rio Grande o verdadeiro símbolo da cooperação, a própria essência do cooperativismo. No entanto, quis o destino que Luiz Fogliatto não assistisse o clímax de sua obra. Autoridades as mais diversas, Governador, deputados, ministros e o próprio Presidente da República, visitaram o Terminal da COTRIJUI, inauguraram uma placa simbolizando a ocasião, desfraldaram bem alto os pavilhões da Pátria e do Estado. Numa verdadeira simbiose de alegria e dor, alguém estava faltando. Alguém muito e muito importante. Faltava naquela

ocasião festiva o maestro, o homem que dera tanto sem se preocupar com o que iria receber. Dois dias antes daquela data que deveria ser somente festa e alegria, o Todo-Poderoso chamara para junto de si, Luiz Fogliatto. Aquele autêntico líder do cooperativismo recebia do Reino Celeste a recompensa de sua fraternidade na terra. Luiz Fogliatto partiu para sempre, mas para sempre ficou a sua obra e o seu exemplo.

Seja a sua lembrança, para todos nós da COTRIJUI, não só o exemplo a seguir, mas o estímulo que nos impulsionará sempre em prol da realidade pujante do COOPERATIVISMO.

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA

Rua José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Fones, 2160, 2161, 2162
Inscr. 065/000770
Inscr. INCRA Nº 248/73
C.G.C. 90 706 506/001

ADMINISTRAÇÃO

Direção Executiva:
Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.
Vice-Presidente: Arnaldo Oscar Drews.
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Conselheiros efetivos:
Alberto Sabo, Amaury Marks Carlos Rivaci Sperotto, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinaldo Luiz Kommers.

Suplentes:
Alfredo Driemeyer, Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Luiz Carlos Kurtz, Renato Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:
Bernardo Grimm, Herbert Hintz e Pedro Bizarello.

Suplentes:
Alfredo Schmidt, Nery François e Orgênio Rott.

Armazéns:
Sede — Ijuí (98.000) T.
Santo Augusto (77.000) T.
Chiapetta: (20.000) T.
Coronel Bicaco (20.000) T.
Tenente Portela (10.800) T.
Vila Jóia (20.000) T.
Rio Grande (110.000) T.
Rio Grande (110.000) T. em construção.

COTRIJORNAL

(Órgão de circulação dirigida ao quadro social)

EXPEDIENTE

Redação e Administração: Rua José Hickembick, 66. Caixa postal, 111 — Telefone 2160.
Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí.

Redator Responsável Raul Quevedo, registro profissional no M.T.P.S. 1176, matrícula no S.J.P.P.A. nº 550, sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores — Rui Polidoro Pinto, Rui Michel, professoras Wally, Elza Falkembach, Neyta Belato, Frei Mathias e Olavo Schitz.

Planejamento Gráfico, Composição, Montagem e Impressão: SENTINELA S/A, Gráfica e Editora Jornalística — CGC 87 657 854/001, rua Alagoas, 454 — Cx Postal 518, fone 2310 — Ijuí, RS-98700

NÓS E OS PIONEIROS DE ROCHEDALE

A COTRIJUI completa hoje, 20 de julho, o seu 16º aniversário de fundação. No transcorrer desses 16 anos de existência — existência de trabalho, esforço e abnegação — graças à coragem, tenacidade e persistência de um quadro social coeso e unido em torno de seus objetivos comuns, muitas conquistas foram feitas nos setores da produção, comercialização e evolução social.

Um quadro social mínimo em 1957, com o passar dos anos veio se ampliando até alcançar o número de hoje: uma multidão de cerca de 8.500 economias que, se somadas aos respectivos familiares, atingirá uma população de 50.000 pessoas, em ordem direta. Do ponto-de-vista humano, pode-se dizer que a COTRIJUI é isso.

Mas, no que se refere às suas potencialidades e infra-estrutura econômica, a Cooperativa representa um poderio tão grande como a própria região onde ela atua. Quer dizer:

ÁREA DE ATUAÇÃO

Municípios 16
Área 8.443 Km² +
População 292.022 Hab.
Densidade 38,3 Hab/Km.
Associados 8.112 ++

+ Não está incluída a área do Terminal do Super Porto de Rio Grande
++ Em 11/6/73.

Esse crescimento geográfico, com a conseqüente expansão sócio-econômica, estava a exigir, há tempos, um uso maior dos meios de comunicação, para manter o quadro social informado do grande volume de informações que tem origem dentro da cooperativa, ou por consequência dela.

Daí a origem deste Jornal. Ele nasceu da necessidade de comunicação, numa época em que as comunicações são partes destacadas na convivência do homem moderno, que vive num mundo também moderno.

Por uma coincidência feliz, o COTRIJORNAL nasce em meio às comemorações mundiais dos 130 anos de vivência do cooperativismo.

Nasce, portanto, a tempo de reverenciar as memórias dos 28 pioneiros de Rochedale que, unidos pelo ideal da cooperação, fundaram em 1844, enfrentando os maiores perigos e perseguições dos patrões da época, a primeira cooperativa.

A passagem desses 130 anos na história da humanidade, tem marcado vitórias em prol da evolução do sadio cooperativismo. Vitórias a que se pode somar a evolução de milhares de cooperativas em todo o mundo, provando que não foi em vão a luta daqueles pioneiros.

Eles se uniram em torno do sadio ideal cooperativista, economizando da própria alimentação, para adquirirem o dinheiro necessário ao registro da primeira cooperativa.

Pois os cooperativistas da COTRIJUI, nos tempos modernos, também têm se quotizado. Como último esforço nesse sentido, foi levar avanti o gigantesco Terminal de Rio Grande. Do ponto-de-vista humano, é claro que não se pode dizer que nossos associados tenham economizado da própria alimentação para a realização daquele ideal.

Mas o espírito cooperativista — este sim — foi o mesmo.

Aqueles — humildes tecelões — viviam em condições precárias num subúrbio de Rochedale (arredores de Londres), chamado Beco do Sapo. Mas sua humildade e pobreza, somada no esforço mútuo do bem comum, não impediu que realizassem a obra mais revolucionária do mundo moderno, no campo da economia liberal.

Nossos associados — a maioria deles também humildes — ao darem-se as mãos em prol do crescente engrandecimento da COTRIJUI renovam, a cada novo dia, o ideal daqueles pioneiros.

O COTRIJORNAL, que nasce sob o signo de tão ardorosos e abnegados cooperativistas, saberá trilhar os seus caminhos no rumo do fortalecimento desse mesmo cooperativismo.

COOPERATIVISMO É FORÇA SOCIAL

Mais do que todos os outros povos do mundo, o brasileiro precisa de cooperativas. Ele precisa aprender a utilizar o método da cooperação econômica para atacar e resolver seus problemas sociais e elevar o próprio nível de vida.

A existência de uma democracia social, conforme se diz existir no Brasil, somente se concretizará, na prática, quando exigir os deveres sociais de cada um e poder distribuir os frutos que daí derivam com o respeito de todos pelo direito de cada um.

Mas por que o brasileiro está necessitando mais do que os demais povos de um dirigismo eminentemente cooperativista? Porque em face das formas novas de capitalismo, dos conglomerados grupais nos variados campos da vida econômica nacional, faz-se necessário o fortalecimento desse mesmo capital, a partir de sua formação unitária: a economia familiar.

É pobre a economia familiar brasileira. A formação geopolítica da Nação, com suas peculiaridades de origem — baixo índice de propriedades, miséria congênita, analfabetismo e demais mazelas daí decorrentes — já de si dimensiona a proporção da necessidade de uma conscientização plena, com a busca imediata de solução em moldes de cooperação. O homem só, isolado, é frágil; portanto, facilmente vencível. No entanto, o indivíduo agrupado é, ao contrário, forte, basicamente invencível.

Essa verdade é tão evidente, que estamos constatando hoje o agrupamento do próprio capital. Os aglomerados empresariais existentes nos grandes negócios, ressaltando-se como de maior evidência as fusões de estabelecimentos bancários, nos mostram os caminhos a serem seguidos. Cabe ao produtor escolher esse caminho. Ele é claro, chegando a ser de uma evidência meridiana.

Um banqueiro, quando precisa somar, associa-se a outro banqueiro; um industrial a outro industrial e um comerciante a outro comerciante, assim sucessivamente. A soma de interesses pressupõe identidade de negócios, pois o contrário seria a divisão desses negócios e o conseqüente enfraquecimento.

Um agricultor, um pecuarista, qualquer deles têm um magnífico poder de soma. Esse poder é a cooperativa. A soma de esforços de agricultor a agricultor, de produto somado a produto, significa proteção maior em caráter mútuo e melhores resultados financeiros a curto ou a longo prazo.

É importante ressaltar a segurança do cooperativista a longo prazo, porque pode acontecer que num determinado ano, aqueles que têm seus interesses contrariados pelas cooperativas, unam-se para boicotá-las, tendo em vista a disseminação da dívida na mente do agricultor ou pecuarista. Os mais imediatistas, às vezes, deixam-se abater pelo desânimo e acabam por fazer o jogo dos seus próprios inimigos. Mas quando os agricultores já estão devidamente conscientizados e não se deixam abater por revezes momentâneos, unindo-se cada vez mais em torno de suas respectivas cooperativas, a vitória lhes é assegurada, pois cooperativismo significa força social dirigida a todos, indistintamente.

OS GRANDES VOLUMES DE COMPRA DÃO
CONDIÇÕES DE TRANSFERIR
AO CORPO SOCIAL.

ADUBOS — CORRETIVOS — HERBICIDAS E
FUNGICIDAS
MAIS BARATO



Na Seção de Consumo e Postos de Venda

É DOS AGRICULTORES O MAIOR TERMINAL GRANELEIRO DA AMÉRICA LATINA

Numa área de 12.500 metros quadrados, em plena área do futuro Super Porto, em Rio Grande, ergue-se o maior terminal graneleiro mantido por uma organização particular, em toda a América Latina. É a primeira obra construída naquela área e pertence aos agricultores desta região do Estado. Pode-se dizer que é o resultado da força de união, atestado eloquente do elevado grau de unidade que existe entre os agricultores associados na COTRIJUI.

Com quatro armazéns em funcionamento, possui uma capacidade de estocagem estática de 110 mil toneladas. Após a construção dos oito armazéns-silo, terá uma capacidade estática de 220 mil toneladas. Atualmente, sua capacidade de carga ou descarga, em navios graneleiros, é de duas mil toneladas/hora.

Para movimentar esse grande volume de carga, motores de grande potência colocam em funcionamento complexos sistemas de correias que se movimentam a velocidade de 180 metros por minuto, em planos inclinados que vão até 27 me-

tros de altura. O terminal, pier graneleiro, se localiza cerca de 200 metros dentro do mar, deixando atrás de si um complexo de armazéns e labirintos de moagem e túneis, que será capaz — desde que haja perfeita conexão de transportes — de embarcar a totalidade das exportações de produtos granéis do Rio Grande do Sul.

A entrada em funcionamento do terminal da COTRIJUI, começou a alterar o panorama da produção agrícola no Estado. Nesta safra, apesar de não haver ainda uma boa infraestrutura em transportes devido à precariedade da frota dis-

ponível, o terminal garantiu a rapidez de carga nos navios. Graças ao terminal da COTRIJUI, passou a melhorar a imagem brasileira junto aos armadores de navios de todo o mundo. A figura do "Despach", prêmio a que faz juz o porto ou empresa carregadora que liberar o navio antes do prazo estabelecido, existe no País hoje, por conquista da cooperativa. Essa confiança no Brasil por parte das empresas e grupos importantes, é benéfica ao nosso País.

O TERMINAL DE CORPO INTEIRO

O terminal, num retrato de corpo inteiro, é apresentado com as seguintes características: oito armazéns-silos, com quatro já construídos e em pleno funcionamento, com capacidade de 110 mil toneladas de capacidade estática. Pier de embarque afastado 200 metros desde a praia, onde existe um calado de 18 metros de profundidade, ou seja, em linguagem marítima, 59 pés. Essa profundidade permite a atracação de barcos de grande porte, com capacidade para carregar até 60 mil toneladas, à velocidade de 2.000 toneladas/hora. Moegas para descarga de vagões ferroviários e caminhões, em trabalho simultâneo, podendo funcionar independentemente entre si. Somente as moegas destinadas ao setor de

trens tem capacidade para descarga de seis vagões simultâneos, o que lhe permite vazão de 500 toneladas por hora.

O terminal foi projetado e construído por engenheiros gaúchos. Os silos são absolutamente herméticos. É dotado de balanças automáticas. Mais de 60 entidades, entre cooperativas e empresas exportadoras, utilizam o terminal para o escoamento de suas produções, principalmente a soja.

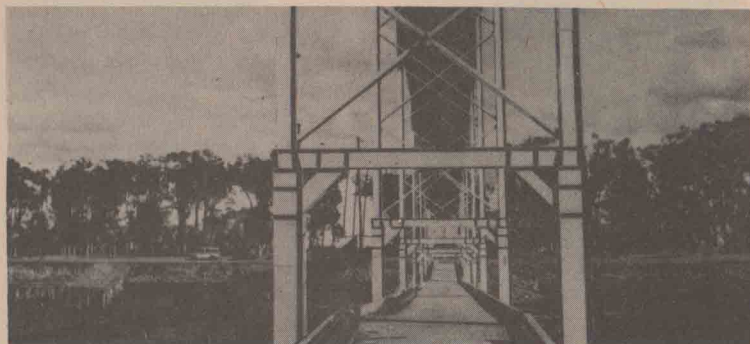
PROJEÇÃO INTERNACIONAL

Independentemente de sua projeção e crescimento no mundo dos negócios, a cooperativa tem desempenhado um trabalho constante no campo da técnica, visando a racionalização das práticas agrícolas em sua área de ação. Tem estimulado as práticas conservacionistas do solo, a seleção de sementes de grande rentabilidade; que promove a produção através de prêmios aos produtores das melhores seleções; a inseminação artificial para o melhoramento do gado lei-

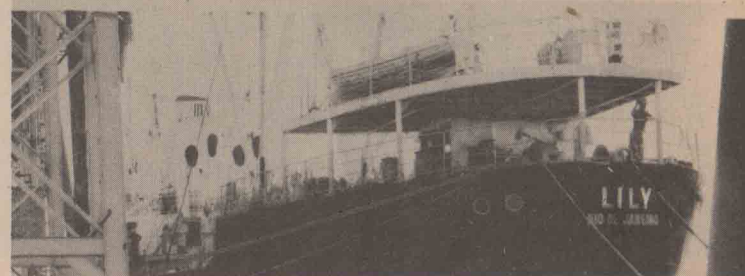
teiro e orientação técnica geral. Seu Departamento técnico é composto por sete engenheiros-agrônomo, um médico-veterinário e 10 técnicos rurais, com prestação de serviço direto aos agricultores.

Grande exportadora, passou a ter projeção internacional a partir da entrada em operação do seu grande Terminal Graneleiro.

Completo 16 anos de atividades no dia 20 de julho, mas já é a maior cooperativa tritícola do País. Seus armazéns receberam nesta safra, 2,5 milhões de sacas de soja. Passarão pelo Terminal este ano, cerca de 700 mil toneladas de soja. Todas as missões econômicas que visitam o Rio Grande do Sul, programam visitas à COTRIJUI. Só neste ano, missões da Mitsubishi, da Sumitomo e do próprio Governo japonês, já estiveram mantendo contato com sua diretoria.



Vista parcial do pier de embarque.



A COTRIJUI exportando para o Brasil e para o mundo

Palestra na ADVB:

ESCOAMENTO DAS SAFRAS É QUE PREOCUPA A COTRIJUI

A convite da ADVB — Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil — Seção de Porto Alegre, o diretor-presidente da COTRIJUI, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, proferiu palestra no plenário da entidade, reunido num dos salões do Plaza Hotel, no dia 4 do corrente, sob a presidência do sr. Reny Renato Jaeger.

A palestra do presidente da COTRIJUI obedeceu ao tema "exportação da produção gaúcha analisada sob o ângulo de marketing". Os jornais da Porto Alegre deram o devido destaque ao importante tema, na época. No entanto, por se tratar de um assunto que continua à espera de solução, qual seja, o transporte da produção até os principais pontos de embarque para a exportação, vamos transcrever os tópicos principais daquela palestra:

Disse o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva que a COTRIJUI já tem uma capacidade estática de armazenagem em Rio Grande, de 110 mil toneladas. Dentro de mais um ano, essa capacidade será duplicada. Terá, então, a COTRIJUI, 220 mil toneladas estáticas. Outras organizações têm capacidade para mais de 125 mil toneladas. Isso dará uma capacidade estática total de 345 mil toneladas.

A SITUAÇÃO HOJE

Relatou que atualmente estamos vivendo a problemática de uma falta de estrutura em transportes, desde as zonas de

produção até os terminais portuários. Isso, naturalmente, cria uma série de problemas para a exportação da produção em tempo hábil para conquistar mercados com preços compensadores.

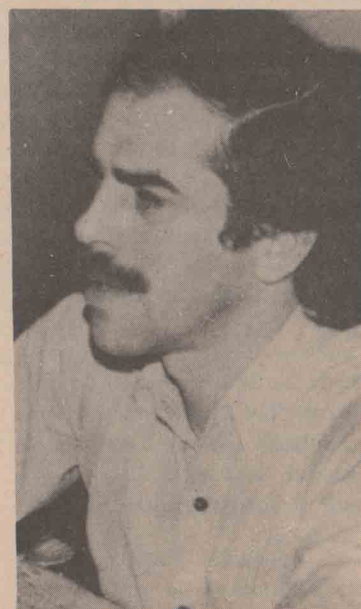
Entram, por dia, nas instalações da COTRIJUI e nas outras empresas localizadas em Rio Grande, apenas de 7 a 9 mil toneladas de produto. Isso dá uma média mensal de 270 mil toneladas, significando um desajuste muito grande entre a capacidade de armazenagem e as possibilidades de escoamento efetivo desde as zonas de produção até Rio Grande.

Disse que os armazéns da COTRIJUI estão com 50 mil toneladas de produto, sobrando, portanto, 60 mil toneladas de capacidade ociosa. Quer dizer, só a COTRIJUI tem mais da metade de sua capacidade estática atual ociosa.

Já recebeu, neste ano, 260 mil toneladas de soja e escoou 210 mil. No todo, já foram escoadas 300 mil toneladas de soja pelo Estado. Desse total, a COTRIJUI embarcou 70 por cento.

No ano passado ela participou com 41,6 por cento do total, atendendo a 51 diferentes empresas. Neste ano, a perspectiva é que atenda de 70 a 80 empresas exportadoras, através de seu Terminal.

O presidente da COTRIJUI analisou exaustivamente os três setores básicos de transporte no Rio Grande do Sul. No caso do transporte rodoviário, lembrou a inadaptação da frota existente. Caminhões que carregam granéis ensacados: que não têm descarga própria para os



Dr Ruben em sua mesa de trabalho

granéis. Quanto ao transporte ferroviário, o problema é semelhante.

A Rede Ferroviária Federal possui 1.200 vagões destinados ao escoamento da soja, mas 50 por cento deles não estão adaptados para descarga a granel. Por essa razão um vagão em vez de descarregar o produto em 10 minutos, está levando atualmente até 50 minutos. Ainda quanto ao transporte rodoviário, ressaltou como de excepcional importância a conclusão da BR-392, ligando a RS-10 (Ijuí a Cruz Alta) com Santa Maria, Canguçu, Pelotas e Rio Grande. Além de desafogar a Estrada da Produção, encurtará a distância em cerca de 200 quilômetros. Com isso, além de se ganhar bastante tempo, ainda se barateará o frete rodoviário, tornando-o competitivo com o transporte ferroviário.

Lembrou, a propósito, que está se centralizando em Rio Grande a produção de insumos para a lavoura, o que garantirá um retorno de carga para 70 por cento da capacidade dos caminhões.

É A FERROVIA?

Com relação ao transporte ferroviário, disse que os problemas não se localizam tanto na frota, mas principalmente na via permanente. Disse que há tre-

chos com capacidade de escoamento para 1.260 toneladas, outros com 900 toneladas e ainda outros com apenas 450 toneladas. Na melhor das hipóteses, um trem leva 36 horas para chegar a Rio Grande. As obras do ramal Cacequi-Bagé, que estão para ser iniciadas, deverão ajudar a melhorar o acesso até aquela cidade.

Hoje, a ferrovia escoar, teoricamente, 120 mil toneladas por mês. A L-25, embora a sua total viabilidade já devidamente comprovada, precisa ser completada com uma outra ferrovia entre Porto Alegre e Rio Grande. Relativamente ao transporte fluvial, o problema principal está no carregamento, na zona de produção.

Finalizando sua palestra na ADVB, ressaltou o presidente da COTRIJUI que,

a maior etapa a ser conquistada é o domínio do mercado de fretes, passando das exportações FOB (entrega nos terminais portuários do Brasil) para as vendas CIF (entrega no local de destino). Essa conquista determinará que os vendedores possam estabelecer a época dos embarques por navio e não como acontece atualmente, quando os importadores é que determinam os carregamentos.

CONHEÇA A IMPORTÂNCIA DO TRIGO NA ALIMENTAÇÃO HUMANA

Foi preciso que transcorressem 18 séculos para que a população mundial crescesse de 250 milhões para um bilhão de pessoas. Mas atualmente, a cada 15 anos, há um bilhão de pessoas a mais na superfície da terra. A taxa de crescimento da população é 30 vezes mais elevada do que a média do crescimento entre o primeiro século da nossa era e o ano de 1.600, além de existirem países onde essa taxa chega a ser 40 vezes mais elevada.



A foto mostra a beleza de um trigal maduro. É o símbolo do pão nosso...

Mathus advertiu que as populações aumentam de forma geométrica enquanto a produção de alimentos cresce em proporção aritmética. No caso específico do Brasil, não será demais repetir que chegaremos ao ano 2.000 com cerca de 200 milhões de habitantes. A preocupação consiste em saber se nossos quocientes de produção continuarão subordinados à tese mathusiana. Em caso afirmativo, não devemos ter a esperança de manter à margem da fome, largas parcelas da população.

O PÃO NOSSO

Sinônimo de fartura, o pão simboliza a divindade dos alimentos. É a união da família; a felicidade do lar. Consumido desde os primórdios da civilização, pode-se dizer que completou a nutrição do homem numa época em que não haviam opções além das proteínas de origem animal, obtidas através da caça e da pesca.

Não se tem conhecimento exato de quando começou a servir de alimento. Sabe-se que há 5.000 anos o trigo já era cultivado às margens do Nilo e em vastas regiões da área mediterrânea. Aliás, as épocas áureas do antigo Egito foram marcadas pelos anos de boa colheita do cereal. Quando os trigais maduros douravam as terras do Mediterrâneo, enchiam os vales e as colinas, havia paz política e o povo gozava de tranquilidade so-

cial. A própria Roma dos Césares, toda poderosa e consciente de sua supremacia bélica, sofria as oscilações representadas pelas safras.

A História registra que quando o trigo era farto, Roma não demonstrava disposição para a guerra. A soldadesca, bem alimentada, tornava-se apática indiferente à luta. Mas com a diminuição das colheitas; racionado o pão nos farnéis, os centuriões não continham os soldados.

AS VITÓRIAS ROMANAS

Senhor da paz e da guerra, o trigo ditou supremacia aos exércitos. Soberano, reinou em todos os reinos; fez reis e os destituiu. Desde a primeira Cruzada ao Oriente, dirigiu o desejo de muitos conquistadores. Os primeiros soldados de Carlos Magno receberam o soldo em grão. El Cid, o fabuloso campeador de Espanha, evitava guerrear com os mouros durante as épocas de colheita do cereal.

Conta-se que durante a Terceira Grande Púnica, o trigo foi decisivo para a vitória romana. Enquanto as forças de Aníbal Barca não dispunham de mais do que escassa porção diária de pão, os soldados de Cipião — o africano — carregavam os farnéis abarrotados de pão fresco e saboroso. Foi, por assim dizer, a vitória romana do pão sobre a miséria cartaginesa.

Espartacus, segundo alguns historiadores, teve a mesma sorte. Enquanto não lhe faltou pão, suas hordas de escravos levaram de vencida as empertigadas legiões de Crasso e fizeram estremecer, até aos alicerces, a própria Roma. Depois, com o poder fracionado pela escassez de trigo, o gladiador terminou crucificado e exposto ao longo da via Ápia, com seis mil dos restantes de seus homens.

Símbolo da fartura, ramos de trigo espigados apareciam nos escudos de cristãos e mouros, provando a sua universalidade. Pois não foi outro o sentido parabólico que Cristo lhe deu, ao usá-lo na mensagem divina da multiplicação.

TRIGO NO MUNDO

Segundo o "Statistical Yearbook", edição de 1970, o mundo colhe a cada ano uma média de 250 milhões de toneladas do cereal. Pela ordem, a Rússia, os Estados Unidos, a China, o Canadá e a Argentina, são os maiores produtores, al-

cançando cerca de 80 por cento do total. Se se considerar o quociente "per capita" perante uma população de três bilhões de pessoas, será fácil observar que está havendo grande falta do produto.

Restrito a determinadas áreas e regiões do globo terrestre, o trigo só é produzido em larga escala em reduzido núme-

ro de países, pois a maioria deles não dispõe de condições racionais para produzi-lo a nível de rentabilidade. Outros países, no entanto, possuidores de condições ideais para o cultivo do cereal, não estão fazendo com a agressividade devida.

NO BRASIL

No nosso País, a produção do trigo, além de escassa, tem se caracterizado pelas oscilações de resultados.

Pioneiro, o Brasil foi o primeiro país americano a exportar trigo. Jean de Léry afirmou que no Brasil o trigo dava melhor do que na Europa. O padre Baltazar Fernandes, comparando o Brasil e Portugal, escreveu em 1556: "Dá pão como lá".

A sucessão dos séculos, a partir da frase otimista do padre Baltazar, ainda não confir-

mou inteiramente a expectativa. O Brasil tem se caracterizado pela dependência desse alimento vital à alimentação humana. É verdade que os trigais brasileiros se anteciparam aos dos demais países neste extremo do continente. Mas a evolução do plantio e rentabilidade econômica das produções, não tiveram o mesmo desempenho.

Fruito do trabalho empírico de pequenos lavradores, cuja agricultura, por vezes predatória, tem se mantido à margem das técnicas e processos agrônômicos, a triticultura brasileira, por 300 anos, viveu no estágio primário da atividade familiar para consumo doméstico. Sua evolução técnica e consequente passagem para o estágio capitalista é recente. É sobre o que falaremos no próximo número do COTRIJORNAL.



Aníbal Barca, último rei de Cartago. Foi vencido pela escassez de trigo durante a última guerra Púnica.

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

TALHERES

ALUMÍNIOS



COTRIJUI

Na Seção de Consumo e Postos de Venda

RECORDE A GRANDE ASSEMBLÉIA REALIZADA A 14 DE ABRIL

Conforme foi divulgado naquela oportunidade, uma multidão superior a duas mil pessoas, entre associados e familiares, lotou as dependências do Armazém-3, no dia 14 de abril do corrente ano, participando da grande assembléia cujo objetivo principal foi a eleição da diretoria da COTRIJUI, para o triênio 1973/1976.

A eleição, que reelegeu para a presidência o dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, elegeu na vice-presidência o professor Arnaldo Oscar Drews, que no período anterior desempenhou a função de superintendente e o sr. Clóvis Adriano Farina, na superintendência.

Os demais componentes eleitos para os conselhos foram: conselheiros efetivos — Alberto Sabo, Amaury Marks, Carlos Rivaci Sperotto, Carlos Kruger, Itelvino Sperotto e Reinholdo Luiz Kommers, Suplentes — Alfredo Driemeyer, Elcides José Salamoni, Hugo Lino Costa Berber, Luiz Carlos Kurtz, Renato Fontana e Zeno Foletto. Conselho fiscal — efetivo — Bernardo Grimm, Herbert Hintz e Pedro Bizarello. Suplentes — Alfredo Schmidt, Nery François e Orgênio Rott.

O desenrolar da assembléia transcorreu num ambiente de otimismo e cordialidade total. Apesar dos debates travados durante toda a ordem do dia, onde

vários associados foram esclarecidos sobre a dinâmica de atuação da cooperativa, nos seus diversos setores de atuação, tudo transcorreu na mais perfeita ordem.

O relatório da diretoria foi lido pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva que mereceu aprovação unânime da assembléia. O balanço do exercício com o demonstrativo de sobras e perdas, foi lido item por item pelo contador-geral, economista Oswaldo Meotti.

Várias personalidades tomaram parte da assembléia, tendo sido convidados a tomar parte na mesa que presidiu os trabalhos, entre outros, o representante do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Sr. João de Deus Peixoto Vieira da Cunha, gerentes de bancos, líderes empresariais e sindicais e autoridades do município.

A assembléia foi presidida pelo associado Alfredo Schmidt na parte correspondente à eleição da diretoria.



Vista parcial do grande plenário reunido no Armazém 3, para a assembléia geral que reelegeu a atual diretoria.

VEJA COMO O BANCO DO BRASIL VAI FINANCIAR LAVOURA DE SOJA.

O Banco do Brasil, em instrução baixada para o cumprimento pelas agências determinou que os financiamentos à lavoura de soja na próxima safra, serão condicionados ao plantio de milho, na proporção de 3 a 5 por cento da área a ser cultivada com a soja. Aqueles agricultores cuja lavoura de trigo não foi financiada, terão obrigatoriamente, com o financiamento da soja, obter financiamento e plantar milho na referida proporção.

A medida foi imposta pelo Banco do Brasil em cumprimento à decisão governamental, que quer ver aumentada a área cultivada com milho na próxima safra. Informa ainda o Banco do Brasil que para o cálculo dos tetos de produtividade para o financiamento da lavoura de soja, será observada a maior média de produção em dois dos três últimos anos. Essa comprovação se fa-

rá através da apresentação de blocos modelo 15 e notas de venda do produto.

O teto máximo de financiamento para lavouras adubadas é de 25 sacas por hectare, com adiantamento de 60 por cento e para as não adubadas, 18 sacas por hectare, com financiamento de 40 por cento. O preço estipulado para a saca de soja — 60 quilos — é de 36 cruzeiros.

Quanto às lavouras de milho, em financiamento obrigatoriamente em conjunto com as de soja, terão um financiamento de 60 por cento do rendimento por hectare, calculado ao preço de 30 cruzeiros a saca de 60 quilos.

Para a orientação de nossos associados, damos abaixo um exemplo de cálculo de adiantamento, para lavouras com produção de 15 sacas por hectare:

Rubricas	Com adubo	Sem adubo
	60%	40%
Sementes	105,00	105,00
Adubo	150,00	—
Inseticida e herbicidas	37,00	35,00
Trabalhos cult.	—	55,00
Colheita	32,00	21,00
TOTAL	324,00	216,00

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS PARA PROPOSTA DE FINANCIAMENTO

Para se habilitarem aos financiamentos na cooperativa, os agricultores devem fornecer os dados de produção das três últimas safras de soja, respectivas áreas cultivadas e a produção. Desta última safra, além da área plantada, as notas de venda de soja e a guia modelo 15, para a comprovação da produção. E mais os seguintes documentos.

1) — Escritura de propriedade

de ou o contrato de arrendamento.

2) — Pedidos de sementes, adubo, calcário, corretivos e máquinas e implementos agrícolas.

3) — CPF ou recibo de declaração de renda, relativa ao ano base de 1972.

4) — Carteira de identidade ou título eleitoral.

5) — Certidão de nascimento ou de casamento, se for o caso.

ESCALA DE ATENDIMENTO PARA FINANCIAMENTO DA LAVOURA DE SOJA E FUNDO CONTRA GRANIZO.

LETRAS

A (de Abel a Angelo), dias 6 e 7; de Anibaldo a Azevir, dias 8 e 9.

B e C — dia 10
D e E — dias 13 e 14
F e G — dia 15
H e I — dia 16
J — dia 17
L e M — dia 20
N e O — dia 21
P e R — dia 22

S, T e U — dia 23
V, W e Z — dia 24.

NOTA: Por ocasião da declaração para o fundo de Auxílio Cooperativo contra o granizo, os associados deverão trazer:

1) — Cartão de associado da Cooperativa.
2) — Notas da semente de trigo adquirida.
3) — Mapas das lavouras plantadas com trigo, com as respectivas divisas.

DECISÃO DO CONSELHO SOBRE SEMENTE DE SOJA

Considerando a necessidade regulamentar o fornecimento de semente fiscalizada de soja a seus associados, resolveu o Conselho de Administração, em reunião realizada dia 27 de julho do corrente ano, adotar as seguintes medidas:

1) O preço de um saco de semente de soja fiscalizada conforme normas da CESOJA a ser fornecido ao cooperado, terá por base o valor da liquidação média da sua produção entregue à COTRIJUI, acrescido de 50% desse valor;

2) As reservas de sementes com preço determinado pelo critério adotado no item anterior da presente resolução, obedecerá rigorosamente a proporção de até o máximo 1 (um) saco de semente para cada 13 (treze) sacos de soja destinados a comercialização ou de semente, entregue pelo mesmo associado à Cotrijui na presente safra.

3) As reservas de semente que ultrapassarem os limites fixados no item 2 (dois) da presente resolução, serão aceitas até 15 de agosto e sujeitas aos preços de mercado.

4) Estabelecer em 15 de agosto o prazo final para pedidos de semente de soja.

5) Os pedidos terão validade desde que retirados até 15 de outubro do corrente ano.

COTRIJUI: FOCO DA ATENÇÃO DE SECRETÁRIO DA AGRICULTURA DE GOIÁS ELOGIA A COTRIJUI

IMPORTADORES JAPONESES

Diversas missões de empresários e compradores japoneses já estiveram este ano no Rio Grande do Sul. E todas elas incluíram a COTRIJUI nos seus roteiros de negócios.

Podemos dizer que o motivo maior para a inclusão de nossa região nos referidos roteiros de visita, tem sido a COTRIJUI. A grande cooperativa hoje é assunto constante nos contatos internacionais de negócios. Essa projeção, que já se vinha fazendo sentir há tempos, mercê do crescimento de área de atuação da entidade, agigantou-se a partir da entrada em funcionamento do Terminal Graneleiro localizado na cidade de Rio Grande.

A última missão japonesa a vir a Ijuí — esta em caráter oficial do Governo — ocorreu entre os dias 12 e 13 de junho. A missão estava integrada pelos srs. H. Ikemoto, chefe, do Departamento de Agricultura do Kokkaido; T. Orikawa, da Mitsui & Co. Ltd.; J. Shimada, diretor da Federação Manufatureira de Tofu; S. Hayashi, assistente do Departamento de Vendas da Kanematsu-Gosho; K. Matsusawa, assistente da diretoria do Departamento de Óleos da Sumitomo Shoji Kaisha e T. Ooba, presidente da Associação Japonesa de Óleos Comestíveis.

Antes de visitar a sede da COTRIJUI, a missão esteve na cidade de Rio Grande, observando o Terminal Graneleiro. Posteriormente, em palestra com a reportagem, o chefe da missão, sr. Ikemoto, comparou aquele terminal graneleiro em igualdade de condições técnicas e de infra-estrutura, com os existentes na Europa e nos Estados Unidos.

A missão, que no dia 11 de junho havia sido recepiona-

da pelo governador Euclides Triches, em Porto Alegre, foi recebida no aeroporto Municipal Salgado Filho, em Ijuí, pela direção da cooperativa, representada pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e diretor-vice-presidente Arnaldo Oscar Drews. À noite da chegada, no escritório central, ouviram uma palestra do presidente da cooperativa e pediram esclarecimentos sobre as possibilidades da cooperativa para um abastecimento maior ao Japão, na próxima safra.

Para que se tenha idéia da importância dessas missões para o futuro da nossa balança comercial de soja, basta dizer que os japoneses importam uma média de quatro milhões de toneladas de soja a cada ano. Isso significa um mercado gigantesco em termos de volume de dólares. O chefe da missão explicou à reportagem do COTRIJUI que desses quatro milhões de toneladas, um milhão se constitui sempre de soja especial, também destinada à produção de alimentos especiais. O queijo feito com leite de soja, conforme se sabe, é utilizada em uma grande variedade de alimentos e num sem número de produtos, inclusive na área da indústria pesada.

A missão japonesa foi recepcionada no Hotel Fonte Ijuí. Lá compareceram, além da direção da cooperativa, o prefeito Emídio Odósio Perondi, o vice-prefeito Wilson Mânica e jornalistas representando todos os veículos de comunicação da Cplmêia do Trabalho.

Durante a primeira quinzena de junho, esteve em visita à sede da COTRIJUI, tendo sido recebido por seu diretor-vice-presidente, professor Arnaldo Oscar Drews, o secretário da Agricultura do Estado de Goiás, sr. Josias Luis Guimarães. O secretário goiano esteve por vários dias no Rio Grande do Sul. Veio à frente de uma missão de técnicos da sua pasta, visando a compra de sementes de soja para o plantio da próxima safra em Goiás.

Em palestra que manteve na mesma oportunidade com o diretor do Departamento Técnico da cooperativa, dr. Nedy Rodrigues Borges, disse o secretário Josias Luis Guimarães que as sementes produzidas pela COTRIJUI têm muita aceitação não somente em Goiás, mas também em vasta região do Brasil Central, que vem despertando nos últimos anos para o cultivo da soja. Referiu que é intenção da Secretaria da Agricultura de Goiás motivar um intercâmbio técnico com o Rio Grande do Sul, principalmente no que se refere à área de sementes de leguminosas, dentre as quais se destaca a soja.

Referindo-se às cooperativas de produção, qualificou a situação de nossos agricultores de privilegiada. Estes — ressaltou o secretário goiano — unidos em torno de suas cooperativas, tem melhores condições para exigir das autoridades a solução dos seus maiores problemas.

Disse que Goiás está apenas começando a se congrega em torno do cooperativismo. Por isso — disse — a situação do agricultor ainda é de muito atraso. Ressaltou que também em questão de cooperativismo,

a Secretaria que está dirigindo deseja a experiência dos gaúchos.

Falando a respeito da COTRIJUI, disse que esta é um exemplo para todo o País. Seu crescimento vertical, seu apoio à pesquisa e à ex-

periência, sua realização no campo da técnica que leva até aos agricultores com resultados benéficos para a região, ao Estado e ao País, tudo isso coloca a COTRIJUI na vanguarda do cooperativismo brasileiro.

Citou, finalmente, o grande terminal graneleiro localizado em Rio Grande. Qualificou de obra arrojada, que bem identifica a visão empresarial aliada ao espírito cooperativista de todo um povo. Disse querer dar os parabéns à direção da COTRIJUI e através desta, a todo o quadro social, pela grande obra que realizam em prol da evolução do cooperativismo brasileiro.



O secretário goiano em palestra com o dr. Nedy e o redator do COTRIJORNAL

COOPERATIVA PROMOVEU PALESTRA PARA ASSOCIADOS EM TENENTE PORTELA

Mais de uma centena de associados reuniram-se em Tenente Portela, há dias, para ouvir diretores da COTRIJUI e professores da Fidene. Dentro do convênio mantido entre ambas as entidades, estiveram naquela cidade o professor Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente da cooperativa; Alceu Carlos Hickembick e Nedy Rodrigues Borges, respectivamente, diretor comercial e diretor do Departamento Técnico e o professor Frei Mathias, pela Fidene. As palestras foram proferidas, tendo cada um focalizado assunto de sua especialidade, mas versando questões relacionadas com o cooperativismo, produção e comercialização.

Durante o transcorrer das palestras, os associados fizeram muitas perguntas que foram respondidas, uma a uma, sempre ao final de cada palestra.

Estiveram na mesa que presidiu os trabalhos, além dos conferencistas citados, o engenheiro agrônomo Rialdo Servi e Clóvis Canova, respectivamente, responsável técnico da COTRIJUI no município, e gerente do armazém local e Valdir Domingos Zardin, do Departamento de Contabilidade da cooperativa.

Na parte da tarde os visitantes viajaram para Santo Augusto, onde foi promovida reunião semelhante.

CONSERVAÇÃO DO SOLO Tenente Portela possui,

desde princípio de maio do corrente ano, uma unidade de conservação do solo. Quando da inauguração da Associação de Conservação do Solo de Tenente Portela, estiveram presentes o prefeito Arlindo Schwantes; o presidente da Câmara Municipal, Euclides Salomoni, que também preside a Associação Conservacionista de Solo, dirigentes de empresas, gerentes de bancos, o sr. João Teló, presidente do Sindicato Rural e técnicos.

A COTRIJUI, juntamente com a Prefeitura Municipal portelense e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, colaborou para a instalação daquela unidade.



O vice-presidente da COTRIJUI, professor Arnaldo Drews, observa a luta do chefe da missão Mitsubishi para sorver o amargo

ROLAMENTOS EM GERAL

Você encontra na Seção de Consumo e nos Postos de Venda da

COTRIJUI

PRESTIGIEM

Também esse importante setor

Quarenta e nove municípios da região serrano-missionária-alto uruguaí, estão dentro da área de atuação da Cotrecarga.

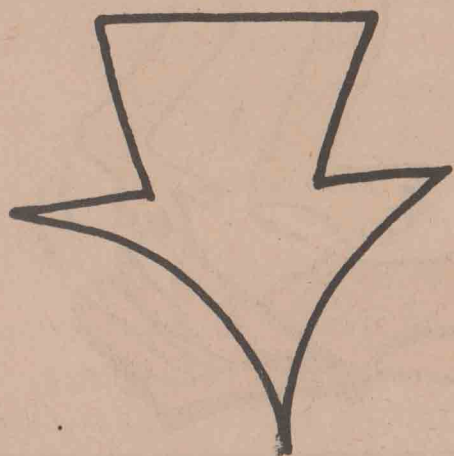
A entidade cooperativista é dirigida pelos srs. Enio Horst, presidente; Oskar Eberle, vice-presidente e Claudio Cesar Fosch, secretário.

CONFECÇÕES E TECIDOS

Seção de consumo e postos de venda



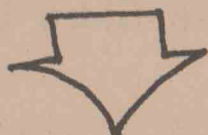
COTRIJUI



Este pintinho é novo. Não tem nome ainda. Todos querem dar um nome para ele. Se não, eles não sabem como chamá-lo quando vão falar dele.

Este jornalzinho que nós estamos recebendo agora, também não tem nome.

Vamos dar um nome para o nosso jornalzinho?



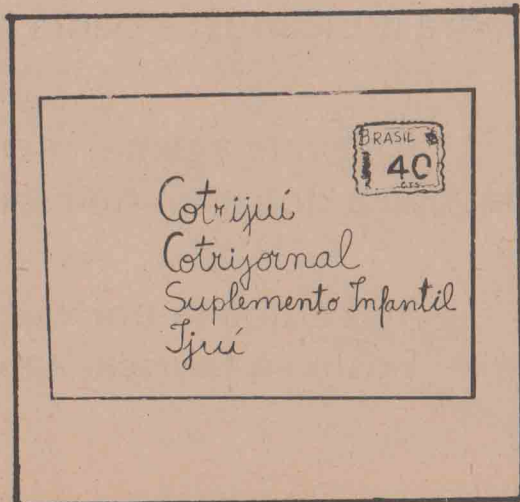
Ter um nome é muito importante. Se você imaginou um nome para o seu jornalzinho, escreva-o numa folha. Esta folha você pode mandar dentro de um envelope, pelo correio. O endereço você pode copiar do envelope ao lado.

Se alguém de tua casa vem a Ijuí, pode entregar a cartinha na Cotrijuí.

Você poderia escrever:

- o nome que você escolheu;
- porque você escolheu este nome;
- o que você achou do jornalzinho;

Escreva logo, logo, loguinho, tá?



A LAGARTA DO TRIGO

O trigo estava lindo, verde, esperançoso...

Porém o vento que balançava o trigo, também embalava milhares de ovinhos bem pequeninhos, presos às folhas e hastes. Não demorou muito, e destes ovinhos foram saindo lagartinhas verdes que se confundiam com a planta. Elas formavam um verdadeiro exército. Silencioso, mas com muita fome, pronto para destruir o trigal.

E agora as lagartas começaram a avançar. Gostavam de atacar principalmente à tardinha e à noite. Devoravam tudo que encontravam pela frente. Quanto mais comiam, mais cresciam. Com mais fome ficavam. Devoraram, destruir tudo que vinha pela frente, era a única coisa que



sabiam fazer. Até que, umas após outras, cansadas e gordas, descenderam das hastes e se esconderam na terra...

Mas não pensem vocês que o perigo para o trigal tinha acabado. Ao contrário. As lagartas só estavam se preparando para atacar melhor. E então foi acontecendo uma coisa muito esquisita: as lagartas foram se transformando em borboletas.

com asas e tudo. Estas borboletas, aos milhares, saíram voando noite a dentro. Pareciam simplesmente borboletas, em nada perigosas, e pouca gente desconfiava que elas estavam preparando um novo ataque ao trigal. Mas era isto que acontecia. Pou-savam nas plantas e lá deixavam as sementes da destruição: seus ovinhos...

E o vento, que balançava o trigo, também despertava novas lagartas, prontas para atacar o trigal.

INFORME-SE SOBRE A LAGARTA DO TRIGO

Nome: "pseudaletia unipuncta".

Apelido: "lagarta militar".

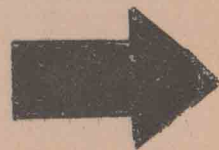
Época em que aparece: setembro-outubro.

Os adultos são mariposas (borboletas de hábito noturno), cujas fêmeas põem de 200 a 600 ovos. Após 8 a 10 dias, as larvinhas saem dos ovos. Nos primeiros tempos as lagartas se movimentam a modo "mede palmo", depois perdem este costume. A lagarta desenvolvida pode medir até 4 cm. Ela causa

maior dano nos últimos 8 a 9 dias de vida antes de crisalidar. Crisálida é o estágio de transformação entre lagarta e borboleta e tem a duração de 2 a 3 semanas.

Fontes: "Pragas do trigo" — Boletim da Escola Técnica de Agricultura de Viamão — P. Alegre, 1958.

— "Manual de Entomologia" — Editora Agrônômica CERES — S.P., 1970.



A FADA QUE TINHA IDEIAS

F. L. de Almeida

Clara era uma fada de seus dez anos de idade, mais ou menos, que morava lá no céu, com a senhora fada sua mãe. Viveriam muito bem se não fosse uma coisa: Clara Luz não queria aprender a fazer mágicas pelo Livro das Fadas. Queria inventar suas próprias mágicas.

— Mas minha filha — dizia a Fada-Mãe — todas as fadas sempre aprenderam por esse livro. Por que só você não quer aprender?

— Não é preguiça, não, mamãe. É que não gosto de mundo parado.

— Mundo parado?

— É quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda. Quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado. Nunca reparou?

— Não...

— Pois repare só.



A Fada-Mãe ia cuidar do seu serviço, muito preocupada. Ela morria de medo do dia em que a Rainha das Fadas descobrisse que Clara Luz nunca saíra da Lição 1, do Livro.

A Rainha era uma velha fada muito rabugenta. Felizmente vivia num palácio lá do outro lado do céu. Clara Luz e a mãe moravam numa rua toda feita de estrelas, chamada Via Láctea. A casinha delas era de prata e tinha um jardim todo de flores prateadas.

— Minha filha, faça uma forcinha, passe ao menos para a Lição II — pedia a Fada-Mãe, aflita.

— Não vale a pena, mamãe. A Lição 1 já é tão enjoada, que a dois tem que ser duas vezes pior.

— Mas enjoada por que?

— Ensina a fabricar tapete mágico.

— Pois então? Já pensou que maravilha saber fazer um tapete mágico?

— Não acho, não. Tudo quanto é fada, só pensa em tapete mágico. Ninguém tem uma idéia nova.

Clara Luz estava sempre fazendo experiências com a sua vara mágica. Já de manhã cedo, reparava no bule de prata (tudo na casinha delas era de prata, até os móveis). Olhava para ele e tinha uma idéia:

— Tem bico. Dá um bom passarinho.
E transformava o bule em passarinho.

Mas o passarinho saía com três asas: duas dele mesmo e uma do bule, que tinha sobrado.

A Fada-Mãe entrava na sala e levava um susto danado:

— Que bicho esquisito é esse?

— É o bule, mamãe, que eu transformei em passarinho.

— Clara Luz. E agora? Onde vou coar o pó-de-meia noite para fazer o nosso café? E que idéia foi essa de fazer passarinho com três asas? Ao menos ponha só duas asas nele.

— Mas mamãe, ele gosta de ter três asas.

O passarinho, furioso, entrava na conversa:

— Não gosto, não senhora. Faça o favor de me consertar já.

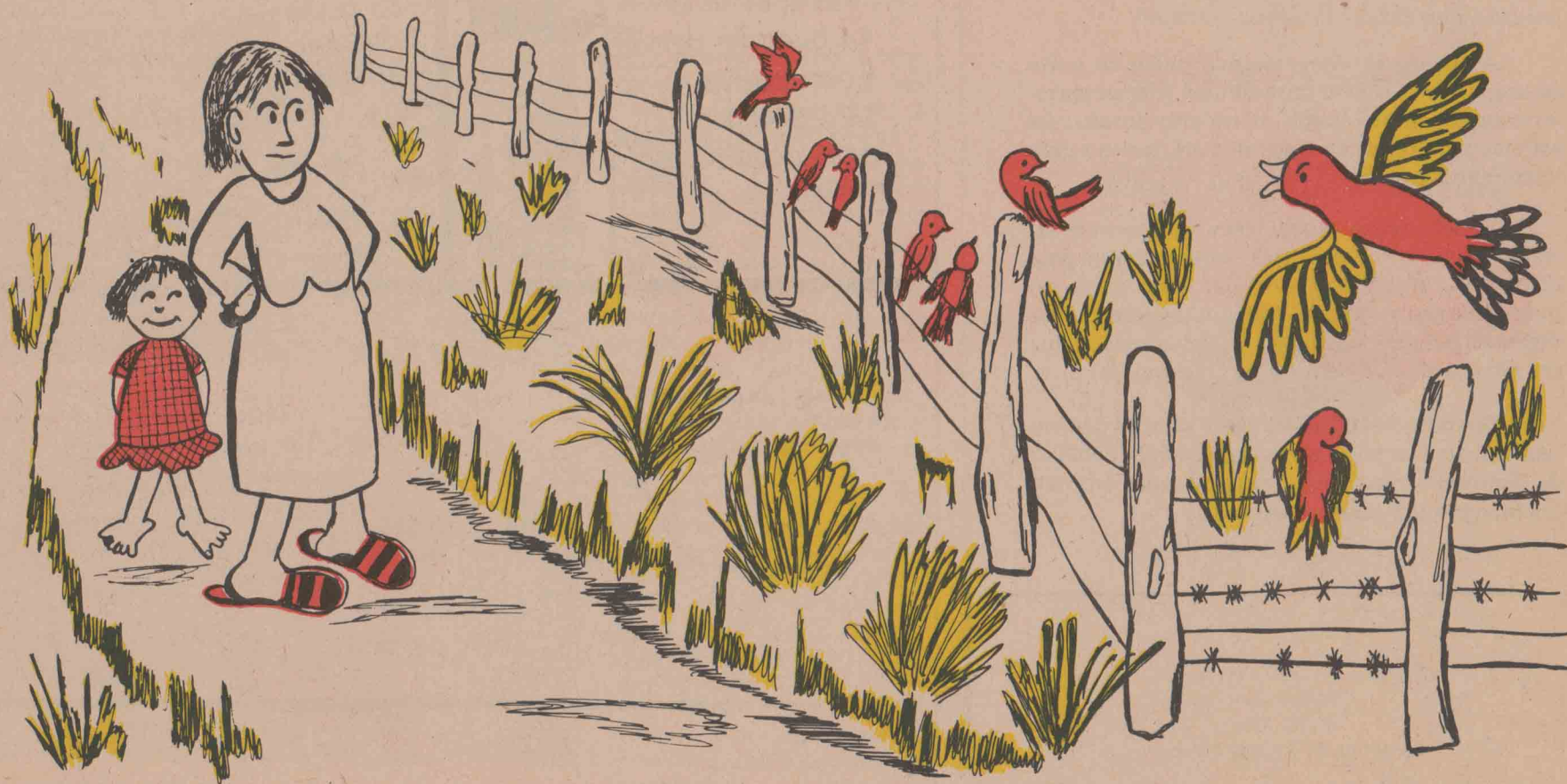
Clara Luz não acertava e quem acabava consertando era a Fada-Mãe. O passarinho agradecia muito:

— Se não fosse a senhora, eu não sei como seria. Essa sua filha é uma intrometida.

— E saía pela janela, resmungando ainda.

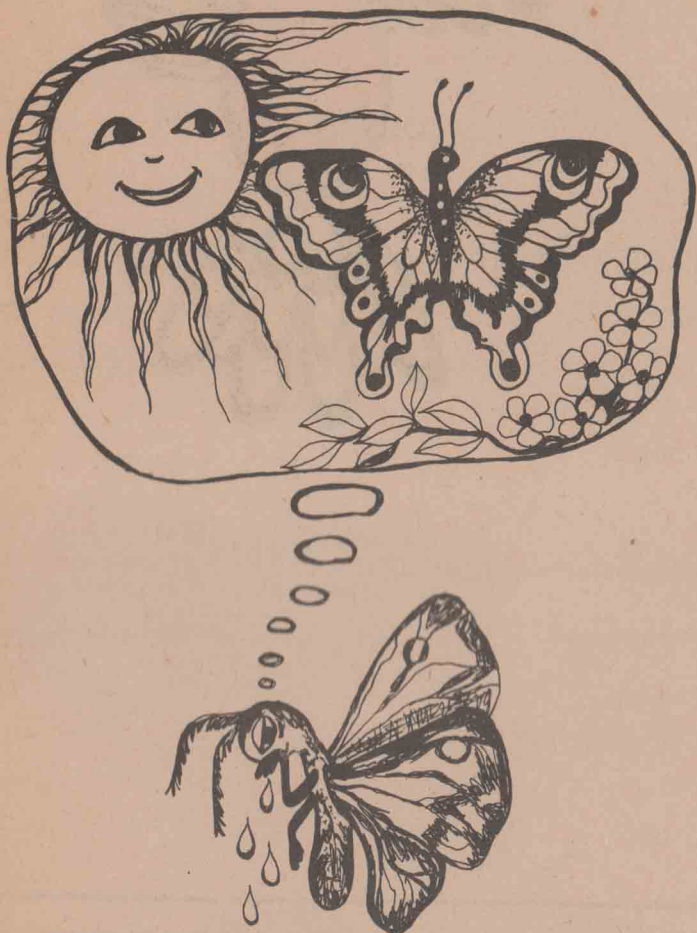
— Veja só. Inventar que eu gosto de ter três asas.

Mas essas eram apenas as idéias menores de Clara Luz. Havia outras maiores... (Estas você vai ficar conhecendo no outro jornalzinho).



ISABELA

Isabela era uma borboleta comum. Daquelas que a gente nem nota que existem, de tão comum que era. Não era tão grande e colorida como outras borboletas. Suas asas não eram vermelhas, nem azuis nem mesmo tinham a luminosidade do amarelo. Suas asas eram apenas cinza-amareladas, sem brilho. Eram quase sem cor, assim como cabe a uma mariposa. Ah! esqueci-me de dizer que Isabela era aquilo que os adultos chamam de mariposa. Sabe, para as pessoas grandes, borboleta mesmo é só borboleta que voa durante o dia. Aquelas que voam de noite são mariposas. E Isabel era uma mariposa. Não que ela não gostava do sol. É que ela já tinha nascido assim. Não podia voar de dia, mesmo que quisesse. Bem que gostaria também de brincar com os raios de sol, navegando pelo céu azul, carregada pelo vento. Mas o que adiantaria



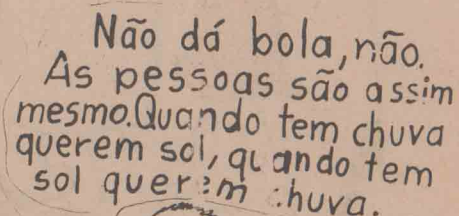
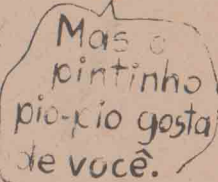
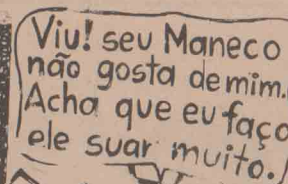
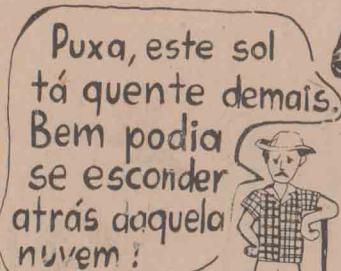
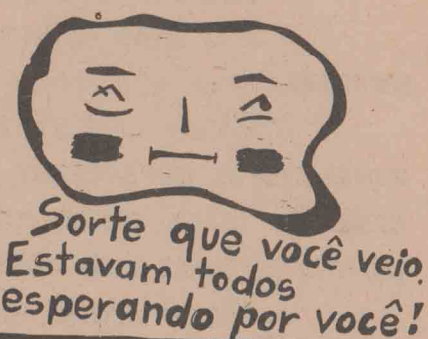
voar de dia, ou pousar numa flor se ela não era bonita como as borboletas de verdade?

As vezes, no meio da imensidão da noite escura, Isabela sentia falta de luz. Mas as estrelas estavam muito longe, lá no alto do céu. As estrelas sempre estão longe demais, mesmo para quem tem asas e voa.

Isabela estava triste. Nem o sol, nem as estrelas eram feitos para ela. Então, como para consolá-la, acendeu-se uma luz bem forte no meio do escuro. Isabela, batendo as asas o mais depressa possível, voou para lá. A sua sede de luz era tão grande que nem notou o perigo...

Quando o sol nasceu, seus raios encontraram Isabela morta no chão da área, bem debaixo da lâmpada elétrica. Suas frágeis asinhas estavam quebradas e um pouco queimadas.

Equipe: Viro F. Frantz
Moacir de Lima
Wally Arns
Escolinha de Arte da Fidene



DONA MARIA DEZORDI, UMA ARTESÃ QUE SE REALIZA COM SEU TRABALHO

Agora estão na moda os trabalhos de artesanato. Há cidades que se projetaram através da habilidade manual de seus habitantes. Gramado, hoje famoso centro turístico gaúcho, localizado na chamada região colonial italiana do Rio Grande do Sul, é um exemplo. Mas em todos os municípios brasileiros existe artesanato.

No nordeste e nos litorais de Santa Catarina e São Paulo, a presença dos artesanatos dão o cartão de visita de muitas regiões. Herança do passado da vida brasileira, que persistiu desde os tempos do Brasil Colônia até o final da segunda guerra, na década dos anos 40, chegou a ser atividade principal de milhares de famílias.

Em Ijuí, não chegou a fazer história. Região essencialmente agrícola, seus habitantes foram educados sempre para o trabalho rude das lides da lavoura.

Mas, mesmo assim, tem também o seu artesanato.

No futuro, outros artesãos poderão ser focalizados através desta página. Hoje, vamos tomar conhecimento do artesanato de dona Maria Minussi Dezordi e do que a motivou para a prática de trabalhos manuais.

Filha de agricultores, também ela praticou a agricultura durante muitos anos para sobreviver.

É natural de Barreiro, localidade próxima à cidade de Ijuí. Ali ela nasceu, se criou e casou. Hoje está com setenta a-

nos. Mas, durante toda a existência, aprendeu que a pessoa — homem ou mulher — deve ser útil a si mesma.

Por isso, já mãe de cinco filhos, dezesseis netos e seis bisnetos, há mais ou menos 30 anos atrás, ficou muito doente. Operada de grave moléstia, os médicos lhe recomendaram trabalhos leves.

Naqueles tempos, era regra quase que geral, que as mulheres trabalhassem na lavoura, lado a lado com os maridos e filhos.

Impossibilitada de pegar na enxada, dona Maria Dezordi tomou a decisão de não ser um peso morto para a família. Ainda na fase da convalescença, começou a praticar trabalhos com palha de trigo. Hoje, passados todos esses anos, ela lembra que foi difícil. Mas foi quando a vontade de ser útil se impôs sobre seus problemas pessoais, que ela pode apresentar seu primeiro trabalho. Foi um chapéu feito com palha de trigo.

Depois, os trabalhos foram se sucedendo. Novos chapéus, bolsas, caixinhas, porta-costuras e tantos outros objetos

que ela própria chegou a se surpreender. Ela confessa hoje não poder imaginar que pudesse realizar tanta coisa. Com o passar do tempo, foi se aperfeiçoando. As suas mãos também se moldaram com habilidade, realizando cada vez com mais facilidade os trabalhos.

Dona Maria diz que é muito fácil o trabalho, para quem tenha força de vontade e disposição. Vamos ver como é que ela prepara o seu artesanato.

- 1º — Com o auxílio dos netos, ela colhe a palha do trigo;
- 2º — Passa à operação da seca das palhas, que é feita no sol;
- 3º — Ela tinge as palhas com anilina, dando o colorido que deseja;
- 4º — As palhas, tingidas, voltam novamente para o sol;
- 5º — O preparo das tranças já é feito de acordo com os tamanhos e tipos de objetos a serem trabalhados;
- 6º — Para dar o necessário formato às peças, dona Maria faz matrizes de madeira, naturalmente nos diversos tamanhos e tipos.

DIFERENTES TIPOS

Dona Maria vem observando a evolução do próprio artesanato. Diz que tem procurado se aperfeiçoar.

Realmente. A reportagem pode observar a delicadeza dos trabalhos, apesar do estilo rude de um chapéu de palha, por exemplo. Trata-se de um objeto rústico, mas dona Maria consegue dar um toque de "finura" que, olhado de longe, dá a impressão de ser "coisa fina".

A maior parte de sua produção é destinada aos familiares.

A pequena sobra é colocada à venda através da loja Protti & Dalmás, localizada à rua José Hickembick, em Ijuí.

Sua produção vai desde o chapéu ao tapete de casa, até cobertas de cama. Com muita habilidade, aperfeiçoada há anos, ela aproveita retalhos de fazenda, conseguindo fazer trabalhos muito bonitos nos seus ângulos e retângulos de cores vivas e variadas. Seus trabalhos, rústicos, têm um "quê" de artístico, que despertam sempre o entusiasmo de todos que os veem.

Dona Maria, dedicada ao seu trabalho, vive feliz e em perfeita paz com a vida. Aquela paz que é inspirada na consciência de quem realiza um trabalho útil e que, por consequência, é útil para si e para os seus familiares.

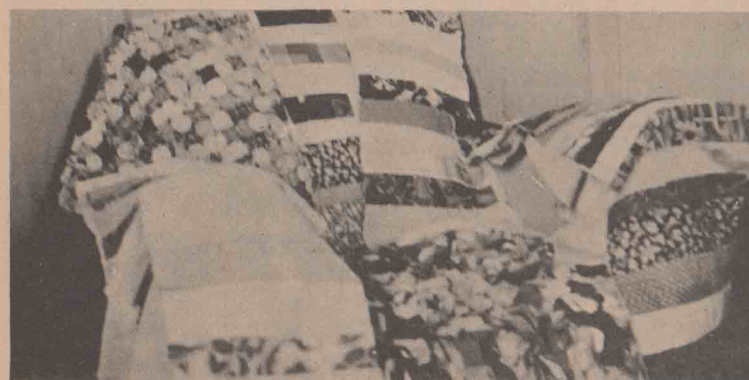
Dona Maria Minussi Dezordi é uma artesã que se realiza a cada dia, com o resultado do seu trabalho.



Dona Maria Minussi Dezordi



Com os familiares



O aproveitamento dos retalhos

VOCÊ E A EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS

O apoio dos pais à criança que vai à escola é o fator mais importante para que a criança aprenda. Assim como a criança participa da vida da família, dos problemas em casa (a plantação que não deu como se esperava, o irmãozinho menor que se machucou) é necessário para ela que os pais se interessem pelo seu estudo.

Muitos pais (a maioria) só manifestam seu interesse quando vem para casa o boletim do filho. Então, ou castiga a criança, ou lhe dá um prêmio. Ora, as notas que o aluno tirou são o resultado do ambiente da casa, da alegria com que vai à escola, da eficiência do professor. De fato, estas notas não são importantes.

O importante é ouvir as histórias que a criança tem para contar, participar das novidades que aprende na escola, entendê-la e apoiá-la nos problemas que tem com os professores e colegas.

Este interesse deve fazer com que os pais (pai e mãe) participem das reuniões e das decisões tomadas na escola.

Os pais devem conhecer a orientação que se dá na escola, o que fazem professores e alunos.

Resumindo, podemos dizer que a verdadeira participação dos pais na vida escolar dos filhos, vai fazer com que a escola dos filhos seja também a escola dos pais.

O ambiente da família, onde há interesse pelos problemas uns dos outros, onde todos se preocupam em aprender e onde todos são fortes e unidos diante das dificuldades, é mais da metade do caminho andado para que a criança vá para a escola com entusiasmo e aprenda muito mais.

LUBRIFICANTES E GRAXAS,

BATERIAS, PREGOS E

ZINCO IMPORTADO É NA



Seção de Consumo e nos Postos de Venda

O CONVENIO COTRIJUI FIDENE

O que é Convênio COTRIJUI/FIDENE? Para que serve? O que faz? Estas são algumas perguntas que os agricultores formulam muito seguidamente, nas suas reuniões.

Pretendemos aqui, neste nosso primeiro encontro através do COTRIJORNAL, esclarecer alguns aspectos a ele referentes.

A palavra convênio pode significar também acordo ou combinação. Assim sendo, ao se fazer um acordo entre duas organizações para um trabalho de mútua colaboração, elaborase um documento no qual constam os compromissos de cada parte.

A FIDENE e a COTRIJUI, porém, já vinham trabalhando de comum acordo há bastante tempo. Isto aconteceu porque as duas organizações pretendem promover, praticamente, a mesma coisa: o desenvolvimento da região.

Em maio de 1970, porém, resolveram formalizar o seu acordo através de um documento escrito. Aí se comprometeram a colaborar mutuamente no campo da educação e da pesquisa. A FIDENE comprometeu-se, tendo como base as necessidades e aspirações dos agricultores, pensar e elaborar projetos técnicos e de educação. A COTRI-

JUI, por sua vez, os aprova ou não. Uma vez aprovados, fornece a necessária cobertura financeira para sua execução.

Assim sendo, desde 1970 vem sendo realizados diversos trabalhos de educação e de pesquisa de interesse dos agricultores da região por pessoas especialmente designadas para tal fim. No que se refere à educação, os projetos aprovados, executados ou em execução, se propõem colaborar com os agricultores e pensar sobre seus problemas e a encaminhá-los soluções. O meio utilizado para isto são as reuniões dos agricultores de diversas localidades da região. As pessoas reúnem-se mensalmente para conversar sobre o que fazem, pensam e desejam fazer. A partir destas reuniões, muitos agricultores organizaram-se em grupos, criando Núcleos de Base com diretoria, livro de atas, etc... Atualmente, isto vem acontecendo nos municípios de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana, Tupanciretã (Vila Jóia), Chiapetta, Santo Augusto, Coronel Bicaco e Tenente Portela.

Além dessa atividade educativa, foram realizados estudos sobre: produtividade; viabilidade econômica de um ramal ferroviário de Catuipe a Santo Augusto; trigo e outros

OS NUCLEOS DE BASE

A vida nos tem ensinado que quando as pessoas se juntam para resolver os seus problemas, as soluções ficam mais fáceis de serem encontradas.

Embora os problemas atinjam cada uma das pessoas em particular, como a gente vive na comunidade, a maioria dos problemas só podem ser resolvidos se a solução vier para todos, ao mesmo tempo.

Quando a gente fala em questão de terras, de produção, de comercialização, de agricultura, geralmente estes problemas, para serem resolvidos, terão de contar com a união de muita gente, não só dos que estão sofrendo o problema na carne, que, no caso, são os mais interessados, como também de outras pessoas que, mesmo estando por fora da nossa situação, tem condições de nos ajudar. Mas o importante é que os mais interessados na solução dos problemas, digam como acham que devem ser resolvidos.

Daí a necessidade de se reunirem nas suas comunidades locais e, muitas vezes para, juntamente com os demais colegas

Assim surgem os Núcleos de Base que nada mais são do que a reunião, o esforço da comunidade que busca, unida, consciente, as soluções para os seus males.

Na região já estão funcionando 126 núcleos de base, onde os agricultores se reúnem uma vez por mês para tratar dos assuntos mais diversos.

Apresentamos a seguir o roteiro das reuniões mensais dos municípios que estão sendo atingidos pelo Convênio Cotrijui-Fidene, em 1973.

1º Sábado do mês: às 14 horas, Esquina Colônia Lima - Distrito de Jóia - Sítio Mairoso - Coronel Bicaco;

1º Domingo do mês: às 9 horas, São Valério - Santo Augusto - Sítio Briato - Coronel Bicaco; Às 14 horas, São José,

2º Sábado do mês: às 14 horas, São Jacó - Santo Augusto; Às 14 horas, Nossa Senhora da Saúde - Tenente Portela - Esquina Santo Antônio Dis-

trito de Jóia; Às 16 horas, Ponte Seca - Santo Augusto;

2º Domingo do mês: às 9 horas, São Sebastião - Tenente Portela - São Pedro - Distrito de Jóia - Santo Antônio - Santo Augusto; Às 14 horas, São Valentim - Santo Augusto - Às 16 horas, Bela Vista - Santo Augusto

3º Sábado do mês: às 14 horas, Faxinal - Chiapeta - Colorada - Tenente Portela - São João - Coronel Bicaco; Às 16 horas, Turvinho - Coronel Bicaco - Rincão da Estrada - Chiapetta; Às 20 horas, São Pedro - Tenente Portela.

3º Domingo do mês: às 9 horas, As Brancas - Chiapetta; Cará - Distrito de Jóia; Pinhalzinho - Tenente Portela.

3ª, Quarta-feira do mês: às 20 horas, Passo da Lage - Santo Augusto.

4º Sábado do mês, às 14 horas: Potreirinho - distrito de Jóia; 20 horas: Vila Nova - Chiapeta.



No dia 02 de junho, às 16:00 hs. foi realizada uma reunião no Núcleo de Base de Nossa Senhora de Fátima em Santo Augusto, com a presença de 26 agricultores. Na foto, aspecto da reunião

de profissão, estudar, pensar, refletir, discutir os problemas que são seus, até encontrarem a melhor solução.

- Distrito de Jóia; Às 14 horas, Vila Coroados - Santo Augusto; Às 16 horas, São Luiz - Santo Augusto;

4º Domingo do mês, às 9 horas: Cafundó - distrito de Jóia; Às 9 horas: Sítio Prates - Coronel Bicaco.



Aspecto da reunião de fundação do Núcleo de Base da Comunidade de Colorada, município de Tenente Portela.

SAL, AÇÚCAR, QUEROSENE

E

TODA A LINHA

DE

PRODUTOS VETERINÁRIOS

Na Seção de Consumo e
Postos de Venda da



COTRIJUI

OS NÚCLEOS...



No dia 2 de junho, às 20 horas, realizou-se reunião ordinária do Núcleo de Pedro Paiva, em Santo Augusto. Na foto, aspecto da reunião.



Aspecto de uma festa realizada na localidade de Vila Coroados, em Santo Augusto, coincidindo com a data da reunião do Núcleo de Base. A reunião foi transferida para o mês de julho



Além das reuniões nos Núcleos de Base, o convênio Cotrijui-Fidene promove encontros e Cursos para aprofundar os assuntos e temas discutidos nas reuniões.

Nos dias 21, 22 e 23 de junho foi realizado um curso para um grupo de 52 agricultores de Tenente Portela que versou sobre Cooperativismo, Sindicalismo e Desenvolvimento Rural. Vemos um aspecto do Curso, oportunidade em que conversava com os agricultores o diretor vice-presidente da COTRIJUI Arnaldo Oscar Drews.



Outro encontro de grande importância, promovido pelo convênio Cotrijui-Fidene, foi realizado no dia 22 de junho, no C.T.G. "Pompilio Silva" de Santo Augusto, quando participaram mais de 100 agricultores, líderes rurais dos 12 Núcleos de Base em funcionamento. Estiveram presentes os diretores da COTRIJUI e representantes do Instituto de Educação Permanente da Fidene.

As fotos ilustram aspectos da reunião que foi encerrada à noite, com um jantar de confraternização.

TÉCNICOS VISITARAM IPEAS DE PASSO FUNDO

Técnicos da COTRIJUI, componentes do Departamento Técnico da cooperativa, sob a chefia de seu diretor, dr. Nedy Rodrigues Borges, estiveram em Passo Fundo no fim do mês de maio, visitando a Estação Experimental do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Sul - IPEAS.

A comitiva de técnicos da COTRIJUI foi recebida na EEPF por seu diretor, engenheiro Rui Colvara Rosinha, que proferiu palestra versando sobre a infra-estrutura daquela extensão do IPEAS e seu desenvolvimento tecnológico em Passo Fundo e regiões vizinhas.

Na parte da tarde, foi desenvolvido intenso programa de visitas às instalações centrais da EEPF, quando foram visitados todos os departamentos. Os visitantes tomaram conhecimento da instrumentação existente nos setores de pesquisa do instituto. São instrumentos modernos e de alta precisão. Posteriormente foram proferidas palestras técnicas por especialistas da EEPF. Os técnicos discutiram sobre trigo, soja, milho, sorgo e fertilidade do solo.

A comitiva de engenheiros-agrônomo e técnicos da COTRIJUI, sob a direção do dr. Nedy Rodrigues Borges, estava integrada dos seguintes: agrônomos Alberto Parenti Filho, Luis Volney Mattos Viau, Jairo Noronha de Moura, Realdo Cervei e Sidnei Gervini Souza. Médico-veterinário Valdir Groff e técnicos-rurais Arnaldo Walter Preisler, Neri Malmann, Mário Fiad Padilha, Werner Ristow, Nilson Guimarães, Wilton Treuhers, Wilmar Hendges, Clarir Ribas, Antoninho Rossoni, Walter Colombo e Orivaldo Prunelli, e estagiários Nelson Fiegenbaum, Jaldir Cabral da Silva e Paulo Rogério Marques. Integraram ainda a comitiva o assessor da diretoria, advogado Rui Polidoro Pinto e jornalista Raul Quevedo, do Departamento de Comunicação Social.

CORRENTES E PEQUENAS PEÇAS

PARA AUTOMOTRIZES

VOCÊ ENCONTRA NA



COTRIJUI

Seção de Consumo e Postos

EM DESTAQUE O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ

O sindicato de Ijuí é fruto do movimento iniciado pela FAG — Frente Agrária Gaúcha — iniciado em 1962. Fundado em 26 de junho de 1963, reconhecido pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social sob nº 154.823/64, em 30 de novembro de 1965, publicado no Diário Oficial de 6 de abril de 1966, registrado no Cadastro Geral dos Contribuintes sob nº 90 741 463, inscrito no INPS nº 19.102-693/20.

Possui uma sede própria sita à rua 14 de junho, 146. Tem sete funcionários e um quadro social composto de 2.052 associados que contribuem com uma mensalidade de Cr\$4,00 cada um. O sindicato possui convênio com a UNIMED e FUNRURAL para o atendimento médico e dentário ao seu quadro social. É filiado à FETAG e CONTAG.

Em conjunto com o PEBE

trativas, o sindicato possui condução própria.

O sindicato possui um programa de rádio semanal, que vai ao ar todos os domingos pela rádio Progresso de Ijuí, no horário das 7:30 hs às 7:45 hs., com o objetivo de orientar seu quadro social.

Mensalmente há um encontro de líderes para revisão



sr. Orgênio Rott.

(Programa Especial de Bolsas de Estudo), pelo sistema de contrapartida, distribui 132 bolsas de estudo, que estão em execução, para filhos de associados.

A atual diretoria do sindicato é composta: presidente Orgênio Rott, secretário Frederico Casali, tesoureiro João Casavara. Suplentes: Vidolino Bagetti, Leo Piccoli e Dante Antonio Boniatti. Conselho fiscal, efetivos: Natal Luiz Bagolin, Luis Holzle e Antenor José Vione; suplentes: Irineu Eloi Vetrato, Adelmo Panembecker e Abílio Luiz Gabbi. Delegados representativos junto à FETAG, efetivos: Orgênio Rott, Frederico Casali e João Casavara. Suplentes dos delegados representativos, Vidolino Bagetti, Leo Piccoli e Dante Antônio Boniatti.

A base territorial do sindicato, área do município de Ijuí, está dividida em 42 núcleos de base, onde reúnem-se mensalmente. Eles debatem seus problemas, cujas atas são enviadas para a sede, onde as reivindicações constantes são remetidas a quem de direito. Cada núcleo possui um presidente, um secretário e um delegado, este representando a diretoria e o encarregado de cobrar as mensalidades. A diretoria e funcionários, sempre que possível, procuram participar das reuniões. Para isso e outras atividades adminis-

do trabalho, esse encontro se realiza na sede do município, com a participação dos membros da diretoria dos núcleos, pelo espaço de um dia. Atualmente, estas mesmas lideranças se reúnem uma vez, pelo período de 2 a 3 dias, para fazerem um balanço geral das atividades passadas e planejarem o trabalho para o próximo ano. Recebem, nesta oportunidade, orientações do poder público e demais setores ligados à agricultura.

O senhor Orgênio explica as metas do sindicato para o próximo ano como sendo:

a) Campanha de novos associados, pois no município, ainda existe grande número de agricultores não associados.

b) aquisição de um ambulatório médico;

c) aquisição de medicamentos para distribuição entre os associados.

O sindicato realizou juntamente com a Fundação Gaúcha do Trabalho, no corrente ano, cursos de:

1 — Organização Comunitária e dinâmica de grupos;
2 — Legislação Trabalhista e Sindical;

3 — Previdência Social;
4 — Moral e civismo;
5 — Contabilidade Sindical.

QUALIDADE DA SEMENTE TAMBÉM TEM PREÇO

Eng^o Agr^o
ALBERTO PARENTI F^o

A Cooperativa produz semente de trigo, soja e feijão preto para o abastecimento de seus associados. Parte de algumas forrageiras também já estão sendo produzidas.

O programa de produção de sementes fiscalizadas, desenvolvido pelo DEPARTAMENTO TÉCNICO, tem a finalidade de oferecer uma semente de qualidade garantida, dentro dos padrões pré-estabelecidos.

Para isso, foi criada uma estrutura, através da construção de armazéns, instalações de novas máquinas, aquisições de equipamentos, instalação de laboratório de análise de germinação e pureza, especialização do pessoal técnico, enfim, tudo o que é necessário para oferecer uma semente de qualidade cada vez melhor.

Temos procurado conscientizar nosso produtor da importância de seu trabalho, já que ele é a peça fundamental de toda essa engrenagem. É necessário que todo o produtor seja caprichoso e honesto. Essas duas virtudes são de grande valia, pois quando o técnico for visitar as lavouras antes da colheita e orientá-lo para eliminar partes da mesma, as razões poderão ser diversas, muitas vezes, o produtor poderá entender que as exigências feitas para a entrega de semente é exagero, tais como:

LIMPEZA: a lavoura deverá ser isenta de inços.

PUREZA VARIETAL: a lavoura destinada à semente deve constar, obrigatoriamente, de uma variedade pura, isto é, sem mistura.

LIMPEZA DA SEMEADORA: o produtor deverá limpar a semeadeira antes de iniciar o plantio e quando mudar de variedade.

LIMPEZA DA MÁQUINA: o produtor deverá limpar a máquina antes de iniciar a colher para semente, e quando mudar de variedade.

MARCAÇÃO DA SACARIA: o produtor deverá marcar a sacaria com o nome da variedade, etc...

Mas o nosso produtor deverá entender que essas exigências são feitas para que tenhamos uma semente de boa qualidade, para podermos entregar aos nossos associados na próxima safra.

Na safra passada de trigo, creditamos um valor único de bonificação, aos nossos produtores de semente.

A implantação já na produção de semente de soja passada de categorias de semente e bonificações correspondentes foi um estímulo à melhoria da semente.

É a medida mais correta e justa que poderia receber o bom produtor. Boa semente, bonificação estimulante, uma semente com problema, mas ainda dentro dos padrões pré estabelecidos, bonificação desestimulante.

Sentimos nesse primeiro ano, que essa medida nos levará rapidamente a uma melhoria de qualidade da nossa semente.

PECUÁRIA: OUTRA PERSPECTIVA PARA A REGIÃO

Eng^o Agr^o Renato Borges de Medeiros

A direção da COTRIJUI vem manifestando grande preocupação pela continuidade do sucesso alcançado na última safra de soja. Esta preocupação não se limita somente à direção, mas envolve os técnicos e um grande número de associados. Para que a atual situação persista, deveremos dirigir nosso trabalho para outras atividades, além do trigo e soja. Das atividades agropecuárias, a que mais combina com a agricultura aqui existente é a criação animal. Em virtude deste fato é que a COTRIJUI vem sugerindo a integração lavoura-pecuária. Para isto ela contratou um especialista em pastagens que juntamente com os demais técnicos começou a orientar a criação animal na região de sua atuação.

Se imaginarmos uma propriedade que cultive trigo/soja e, que ao mesmo tempo crie animais, é certo que esta propriedade aproveita melhor suas terras e máquinas e constitui-se uma empresa altamente lucrativa.

A associação da pecuária à agricultura deve ocorrer sem prejudicar as lavouras trigo e soja. Nós sabemos que os solos muito inclinados não devem ser lavrados seguidamente, sob pena de estarmos permitindo seu contínuo empobrecimento. Então, é nestes solos inclinados e aqueles sujeitos a alagamento, que nós deveremos plantar pastagens e criar animais.

A pecuária é uma atividade pouco sujeita às perdas devido ao clima (excesso de chuvas, secas, geadas, granizo, etc...), em relação à agricultura. Então, pela sua segurança, dá condições aos lavoureiros de suportarem uma situação difícil que por infelicidade possa ocorrer com as produções agrícolas. Ainda, possuir um grupo de animais na propriedade, significa aumento de capital. Além disso, este capital pode ser transformado em dinheiro pela simples vontade do produtor, uma vez que o mercado de abate opera durante quase todo o ano.

A exploração pecuária pode facilmente ser associada à agricultura em função da situação de cada propriedade, pois existe uma série de possibilidades, como: — produzir carneiros para vender após o desmame; engordar carneiros e novilhas para o abate; produzir leite; criar novilhas leiteiras para a venda; produzir sementes forrageiras. Mas o que é preciso para criar animais? Em primeiro lugar, produzir alimentos, ou seja, plantar forrageiras como: capim italiano, sorgo forrageiro, rhodes, pangola, bermuda, aveia, centeio, avevém, desmódio, lonotonis, siratro, etc.... Só forrageiras não é tudo. Será necessário também guardar alguma coisa para os períodos de crise alimentar, fazendo feno da sobra das pastagens nas épocas de maior produção (primavera/verão). Ainda, é necessário conservar alguma coisa sob forma de silagem, para garantir uma farta alimentação durante todo o ano. Não devemos esquecer que todos os restos dos cultivos agrícolas podem e devem ser aproveitados para adicionar as rações compradas ou aquelas preparadas na propriedade. De nada adianta um animal de raça pura, se para este animal não é fornecido um bom alimento durante o ano.

Vivemos num Estado que apresenta condições favoráveis para uma abundante produção de pastagens, principalmente nesta região que, por apresentar um grande número de máquinas, torna tudo mais fácil. Aqui, se considerarmos que todos conduzam uma agricultura também baseada na produção forrageira, será possível criar e engordar animais que alcançarão o peso de abate em apenas dois anos. Para atingir estes objetivos, a COTRIJUI já iniciou trabalhos experimentais com plantas forrageiras da granja do IMERAB, em colaboração com os professores da Faculdade de Agronomia de Porto Alegre. Com os resultados destes estudos, se terá condições, em tempo bastante curto, de recomendar, com maior segurança, as espécies forrageiras mais indicadas para esta região, bem como suas práticas de manejo.

Devemos imaginar a pecuária com toda a confiança, pois uma série de estudos de previsão vêm demonstrando que a falta de carne no ano de 1980, será em torno de 2 milhões de toneladas. Ainda, estes mesmos estudos concluem que caberá ao Brasil produzir mais carne para fornecer as regiões necessitadas. À semelhança do grande desenvolvimento da agricultura desta região, esperamos e desejamos que o mesmo aconteça com a pecuária. É com esta confiança que a COTRIJUI está disposta a orientar todos os associados que já criam e os que pretendem iniciar uma criação animal. Assim, a COTRIJUI estará promovendo o casamento da agricultura com a pecuária e, garantindo a prosperidade coletiva desta região.

técnico da cotrijui viu projeto de irrigação no nordeste

Projeto visando o lançamento de programa para certificação de sementes e a possibilidade de testar o chamado vigor das sementes, foram os dois principais temas aprovados durante o IV Seminário Brasileiro de Sementes, realizado de 4 a 10 do corrente, em Fortaleza, capital do Ceará.

Participaram cerca de 350 técnicos procedentes de todos os Estados brasileiros, além de vários especialistas vindos dos Estados Unidos e África. A representação do Rio Grande do Sul estava constituída por 26 técnicos, entre os quais cinco engenheiros-agrônomos, todos representantes de cooperativas tritícolas.

A COTRIJUI esteve representada por seu diretor-técnico, dr. Nedy Rodrigues Borges que, ao retornar, analisou a importância da troca de experiências nesses conclaves, visando o maior aprimoramento das técnicas de produção e comercialização de semente certificada.

PROJEÇÃO DA COTRIJUI

Falando ao COTRIJUI, disse o dr. Nedy Rodrigues Borges que o engº agrº Hilnon G. Leite, chefe do Grupo Executivo da Produção Vegetal do Ministério da Agricultura em Porto Alegre e integrante da delegação gaúcha, apresentou importante trabalho para o plenário do Seminário. Na oportu-

nidade da apresentação do trabalho, projetou eslaides das instalações da COTRIJUI, dando destaque para o Terminal Graneliro da Cooperativa em Rio Grande. Através dessa projeção, todos os participantes puderam conhecer a grandeza da cooperativa, que é a maior do país.

PROJETO DE IRRIGAÇÃO

Ainda dentro da programação do IV Seminário Brasileiro de Sementes, foi feita visita ao mais importante projeto de irrigação do Ceará, implantado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, localizado em Morada Nova, às margens do Vale Bananbuiú, a 100 quilômetros ao sul da cidade de Fortaleza.

Esse projeto foi elaborado por uma missão francesa, estando em fase de implantação na sua primeira parte. Constitui-se de uma barragem de cimento armado no Rio Banambuiú, para aproveitamento da água. Um canal principal, também de alvenaria, com seção de uns 30 metros quadrados em extensão de 23 quilômetros. Essa canalização é suficiente para irrigar 5.000 hec-

tares, extensão total dessa primeira parte do projeto.

O plano integral atinge uma área de 15 mil hectares.

Os canais secundários são de terra, porém de 100 em 100 metros, existem revestimentos de alvenaria para o fechamento simultâneo, a fim de fazer subir o nível da água destinada à irrigação. O sistema usado para a aspersão do líquido é o de sifão, por gravidade.

As culturas principais exploradas na área são arroz, algodão e milho.

Um total de 147 agricultores da região estão instalados na área, com a responsabilidade de cinco hectares por família. Cada economia recebeu, além da casa para residência, um estábulo e financiamento para formação da lavoura.

As casas e estábulos são aglutinados em forma de vilas. O projeto possui cooperativas, escola, clube e demais serviços comunitários. Uma equipe de técnicos especializados em extensão, doenças, irrigação, crédito e culturas, prestam serviços a todos os agricultores.

ÓLEO MUCAMA COM DIPLOMA DE HONRA

O óleo de soja Mucama identifica a presença da COTRIJUI na indústria. Um total de 600 mil sacas de soja são transformadas a cada ano, pela Cooperativa, no tradicional óleo de cozinha e de mesa que tanto agrada as donas de casa de vários pontos do Brasil.

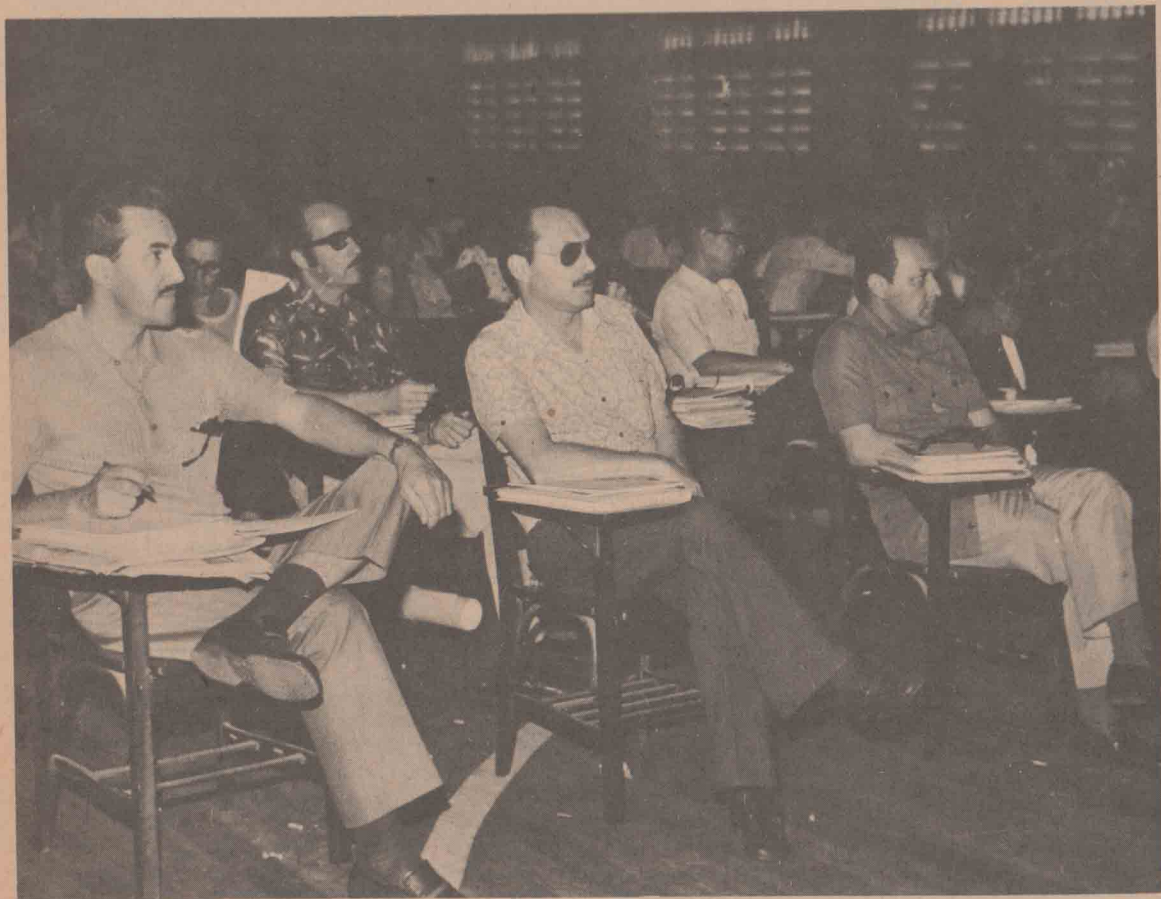
O Mucama, que tem mercado consumidor garantido nas praças do centro sul do País, foi agraciado há pouco no Estado do Paraná, com Diploma de Honra. A promoção foi feita pela Sociedade Nacional de



Mucama diplomado no Paraná.

Pesquisas e Promoções — SONAP — tendo concorrido com óleos de várias marcas produzidos nos demais Estados.

Na foto aparece o Diploma de Honra concedido pela SONAP, que mereceu destaque de divulgação através dos jornais "O Estado do Paraná", "Gazeta do Povo", Rádios Cultura do Paraná e Ouro Verde e Televisão Paranaense — Canal 6.



O dr. Nedy Rodrigues Borges, com os engenheiros-agrônomos Hilnon G. Correa Leite e Luiz Carlos M. de Azevedo, todos gaúchos, no IV Seminário de Fortaleza.

TODA LINHA
DE IMPLEMENTOS
AGRÍCOLAS
NA



Seção de Consumo e Postos de Venda

MINISTRO MOURA CAVALCANTI DEFENDE A PULVERIZAÇÃO AÉREA NOTURNA

A velha luta da COTRIJUI em instituir a técnica da pulverização aérea noturna na agricultura brasileira, voltou a ser comentada quando da recente estada do Ministro da Agricultura em nossa região, sr. Moura Cavalcanti. Sua Excelência, que desembarcou a 17 de junho último no aeroporto municipal Salgado Filho, de onde viajou para Panambi, Ibirubá e Cruz Alta, em palestra que manteve com o diretor-presidente da COTRIJUI, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, disse aprovar a técnica da pulverização aérea noturna.

Conforme foi amplamente divulgado pela imprensa brasileira, durante aquelas oportunidades, a COTRIJUI promoveu duas demonstrações da nova técnica. A primeira delas, foi promovida a 13 de fevereiro, em lavoura localizada nas proximidades do aeroporto municipal de Ijuí. Estiveram presentes altas autoridades do Ministério da Agricultura, do Ministério da Aeronáutica, autoridades do município, líderes empresariais e cooperativistas do Estado.

Na oportunidade, o dr. Ewaldo Mendes Costa, diretor da Divisão de Aviação Agrícola e o coronel-aviador Marialdo Rodrigues Moreira, assessor do Ministério da Agricultura para assuntos de aviação agrícola, teceram comentários elogiosos ao sistema sugerido pela COTRIJUI. Prometeram, na oportunidade, relatar em detalhes o sistema, com vistas à aprovação por parte do Ministério da Aeronáutica.

A pulverização aérea noturna, segundo é proposta pela COTRIJUI, vem sendo aplicada há anos em

países de agricultura adiantada como os Estados Unidos, o Canadá, a Argentina, México e outros.

Mas vejamos a seguir, segundo um comentário redigido no dia da realização da segunda demonstração de pulverização, na noite de 3 de abril do corrente ano, nas lavouras do dr. Luiz Antônio Chiapeta, na localidade de Monte Alvão.

PORQUE PULVERIZAR À NOITE

Só à noite as condições climáticas são ideais para a pulverização das culturas agrícolas. Por que? Porque à noite as correntes aéreas são decedentes em face da ausência dos raios solares.

A ausência dos raios solares e consequente formação da umidade do ar à noite — que chamamos sereno — garante o aproveitamento total dos produtos químicos utilizados, tais como inseticidas, herbicidas ou fertilizantes. Essas condições climáticas ideais possibilitam a redução do tamanho das gotas com ótima penetração dos venenos, resultando, portanto, em eficiência total.

Mesmo em culturas rasteiras e cerradas, pois o veneno envolve folhas, ramos e galhos. Mas também para as culturas perenes e de porte, como é o caso do café, a pulverização aérea noturna será a solução para o controle da ferrugem, por exemplo.

A pulverização aérea noturna proporciona ainda várias outras vantagens, inclusive para a preservação do meio-ambiente. Por exemplo: as abelhas, cuja atividade é diurna, não serão afetadas pela ação dos venenos durante o seu trabalho. Evita-se também a poluição atmosférica. Sendo as correntes aéreas decedentes à noite, os venenos descem sobre as plantas e solo, sem poluir o ar.

Do ponto-de-vista biológico, a pulverização noturna também apresenta várias vantagens. À noite, a atividade das pragas é maior do que durante o dia. Dessa forma a pulverização noturna controla também as outras fases do seu ciclo evolutivo. Por exemplo: além do controle de lagarta, mata a mariposa que é a propagadora da praga.

AS DEMONSTRAÇÕES

Foram feitas duas apresentações em Ijuí, na noite de 3 de abril de 1973: pulverização de soja e adubação folhear. A pulverização foi feita em soja de propriedade do dr. Luiz Antônio Chiapeta, na localidade de Monte Alvão. Foi usado um avião da marca "Grumman", especialmente desenhado para operações agrícolas. O aparelho estava equipado com atomizadores "micronair", regulados para a máxima penetração das gotas nas folhagens. A largura da faixa (por voo) foi de 40 metros e o aparelho voou à altura de 1 metro. O produto utilizado foi o "Folimat" 1.000 (LVC), a dosagem de 0,250 litros/hectare, o que constitui a metade da dosagem recomendada pelo fabricante, para a pulverização convencional diurna. A segunda de-

monstração, isto é, a adubação folhear (adubação líquida para apressar o desenvolvimento das plantas), foi feita em lavoura próxima ao aeroporto, de propriedade do dr. Luiz Chiapeta.

A pista foi balizada em cerca de 300 metros com latas de óleo em chamas. Para o abastecimento do avião foi utilizado tanque transparente graduado, para o piloto verificar a carga exata da inseticida, evitando assim a possibilidade de sobrecarga do aparelho.

Após o abastecimento do avião, o piloto acendeu as luzes, ajustando a posição correta mediante motores elétricos acionados por controles colocados no manche do aparelho. No momento da decolagem, acendeu dois faróis de frente, cuja iluminação formou um ângulo de 30°, com direção de deslocamento do aparelho. Isso lhe proporcionou visibilidade da pista na nova posição do avião. Em seguida à decolagem, apagou essas luzes e acendeu as duas anteriores, que lhe permitiram visibilidade na subida até ultrapassar cerca de 30 metros de altura. Nesse momento voltou a apagar as luzes e acendeu um farol instalado

na extremidade da asa direita. Com esse farol ele pode medir a altura do voo.

A PULVERIZAÇÃO

Quando o avião se encontrava na altura de pulverizar, 1 metro, o piloto nivelou-o ao mesmo tempo em que apagou o farol paralelo e voltou a acender os dois anteriores, para a iluminação do percurso a ser pulverizado. Na altura exata de pulverizar, ultrapassado o sinalizador do início da lavoura, foi acionado o dispositivo que libertou inseticida e continuando a operação até emparelhar com o sinalizador que marcava a extremidade da lavoura.

Neste momento, fechado o dispositivo da saída do inseticida, o aparelho subiu e voltou em ângulo de 180° para repetir a operação na faixa seguinte e assim sucessivamente, até pulverizar toda a lavoura.

Concluída a "operação pulverização", o piloto sobrevoou a pista por diversas vezes em vôos razantes de 10 centímetros sobre o solo, com o que provou a segurança absoluta da operação, pois na lavoura a altura média é um metro sobre as plantas. O espetáculo é de beleza impressionante.



O presidente da COTRIJUI ao lado do ministro Moura Cavalcanti

OS GAÚCHOS SÃO PIONEIROS EM PULVERIZAÇÃO AÉREA NO BRASIL

No Brasil, a história da pulverização aérea está vinculada ao Rio Grande do Sul. Foi em Pelotas que se utilizou pela primeira vez no país, a aviação para combater as pragas das lavouras.

O fato ocorreu na tarde de 19 de agosto de 1947, há 26 anos portanto, quando uma onda de gafanhotos "escureceu o céu e devastou os cultivos", segundo o Diário Popular, edição de 20 de agosto, com a seguinte reportagem: "A tarde de ontem apresentou um espetáculo surpreendente para o pelotense. Mais ou menos às 16 horas, nuvens sucessivas de gafanhotos por todos os lados, aproveitando a calmaria dos ventos, iniciaram um autêntico cerco, cobrindo os céus da cidade em todas as direções."

"A princípio, aquele tapete pardacento estendeu-se rapidamente pela zona norte da cidade, tomando em seguida os mais diversos rumos até que 'atapetou' Pelotas. Sem exagero, pode-se dizer que todas as atividades foram suspensas, tal o número de pessoas que afluíram às ruas, a fim de presenciar a es-

tranha cena. Por todos os lados, se ouviam os mais variados comentários. Pessoas idosas, em palestra com a reportagem do Diário, afirmaram que esta foi a maior onda de "gryllus migratorius" que até então invadiu o município."

PREJUÍZOS

"Na sua primeira ronda — prossegue a reportagem do Diário Popular — terrível ronda da fome, os acrídeos devastaram uma vasta região do município. Para que se tenha uma idéia do estrago verificado, deixemos que fale o sr. Jaime Gonçalves Wetzel, proprietário da Granja Caiatê, no 3º distrito: "na minha zona, em menos de três horas, os gafanhotos devastaram tudo, deixando a terra como se tivesse sido lavrada há pouco. Perdi tudo na minha granja. Não há dúvida que só um milagre poderia salvar as culturas do município, da total devastação."

SURGE O AVIÃO

Em forma de verdadeiro milagre, a salvação das culturas pelotenses, no já distante ano de 1947, veio nas asas de um avião do aeroclube local, pilotado

pelo aviador Clóvis Candiota. A iniciativa coube ao Posto de Defesa Agrícola do Ministério da Agricultura, dirigido então pelo engenheiro-agrônomo Leôncio Fontele, em colaboração com o Aero Clube de Pelotas.

Ainda segundo o Diário Popular, "o avião empregou Hexiclane, polvilhando as nuvens de gafanhotos com magníficos resultados. Durante o dia de hoje, segundo estamos informados, prosseguirão os trabalhos. O aparelho a que nos referimos, está sendo experimentado pela primeira vez no Brasil".

DIÁRIO POPULAR

PELOTAS — QUARTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 1947

O CÉU FOI ESCURECENDO, EM ESPETÁCULO SURPREENDENTE

GAFANHOTOS SOBRE A CIDADE

Incalculáveis os prejuízos — no 3º Distrito, em menos de três horas, as lavouras foram dizimadas — os acrídeos acamparam nos arredores — terrível ameaça à produção — nuvens de três metros não resistiram ao peso do "Gryllus" — um aparelho do Aero Clube, com máquina polvilhadora, iniciou intenso combate à praga.

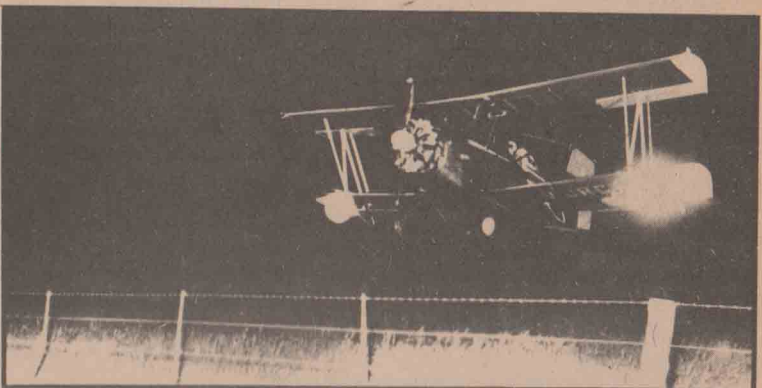
A tarde primaveril de ontem apresentou um espetáculo surpreendente para o pelotense: mais ou menos às 16 horas, nuvens sucessivas de gafanhotos, por todos os lados, aproveitando a calmaria dos ventos, iniciaram um autêntico cerco, cobrindo os céus da cidade, todas as direções.

A princípio, aquele tapete pardacento estendeu-se rapidamente pela zona norte, tomando, em seguida, os mais diversos rumos, até que por completo "atapetou" Pelotas.

Sem exagero, pode-se dizer que quase todas as atividades foram suspensas, tal o número de pessoas que afluíram para as ruas, a fim de presenciar a estranha cena. Por todos os lados ouviam-se os mais variados comentários. Velhos moradores, em palestra com a reportagem, afirmaram que essa foi a maior onda dos "gryllus migratorius", que até hoje invadiu o município.

INCALCULÁVEIS OS PREJUÍZOS

Na sua primeira ronda — terrível ronda de fome — os acrídeos devastaram uma vasta região deste município. Para que se tenha uma idéia do "estrago" já verificado, deixemos que fale o sr. Jaime Gonçalves Wetzel, proprietário da "Granja Caiatê", no 3º Distrito:



O "Grumman" em plena operação noturna.

SAIBA COMO NASCEU A AVIAÇÃO AGRÍCOLA NO MUNDO

Em termos mundiais, a aviação agrícola tem, praticamente, a mesma idade do avião. O brasileiro Santos Dumont voou pela primeira vez com o seu 14-Bis em 1906 e, seu modelo mais aperfeiçoado, o "Demoiselle", em 1909.

Pois dois anos após, isto é, em 1911, pensou-se em utilizar o avião para a aplicação de produtos químicos nas plantações.

Essa idéia pioneira pertenceu a Alfred Zimmermann, inspetor florestal alemão, tendo em vista o ataque de pragas em florestas. Zimmermann apresentou sua idéia ao Imperial Patent Office, em Berlim, a 29 de março de 1911, relatando o uso de avião no controle de pragas em florestas. A patente requerida por Zimmermann foi concedida sob o nº 246028, classe 45-K, grupo 4/35, na capital alemã.

O problema que Zimmermann encontrava era aplicar defensivos nas árvores mais altas das florestas, que atingiam até 35 metros. Sua idéia, descrita na cartapendente, dizia que "com essa invenção, as copas das árvores são pulverizadas por cima com solução de cal ou similar. Usando o avião, grandes áreas de florestas mais velhas podem ser tratadas eficientemente em pequenos espaços de tempo. Não é somente possível pulverizar as copas das árvores com produtos líquidos, mas também polvilhá-las com produtos secos que podem tanto matar as pragas imediatamente ou depois, por ingestão."

Ele foi o primeiro a definir o problema claramente e dar uma solução prática à aviação agrícola, sendo por isso o precursor da aviação agrícola no mundo.

A idéia do inspetor florestal alemão não foi aplicada de imediato, devido a carência de recursos técnicos naquele tempo. Alguns trabalhos foram tentados em 1917 e 1918, nos Estados Unidos, mas ainda sem êxito. Os primeiros resultados positivos foram obtidos por dois técnicos — C. R. Neillie e J. S. Houser — norte-americanos, a 3 de agosto de 1921, em Ohio, USA. Nessa aplicação, conseguiram um controle de 99% nas lagartas. A partir de então, ficou definitivamente provado que o avião poderia ser usado com sucesso no controle de pragas e doenças de culturas.

Vários outros trabalhos são citados na literatura técnica a respeito, como na União Soviética (1922), Suíça (1924), Nova Zelândia (1926) e Inglaterra (1944).

Mas o desenvolvimento explosivo da aviação agrícola se deu realmente após o término da II Guerra Mundial. Graças à descoberta de novos produtos químicos, principalmente o DDT e a disponibilidade de aeronaves utilizadas para treinamento de pilotos. Com esses fatores favoráveis, a aviação agrícola pode iniciar uma nova era, com o que atingiu, muito rapidamente, uma condição de técnica especializada.

Outro passo importante para seu desenvolvimento foram os estudos que redundaram no projeto e construção de aviões agrícolas específicos, isso a partir de 1950, nos Estados Unidos.

O Brasil já produz o Ipanema, específico para a aviação agrícola. É produzido pela Empresa Brasileira de Aeronáutica — EMBRAER. Voando desde 30 de junho de 1970, há três anos, portanto, está satisfazendo plenamente as nossas necessidades. Resta aguardar que com a aprovação do sistema de pulverização noturna para aplicação no Brasil, a própria EMBRAER dote o Ipanema de recursos técnicos e de segurança, para poder voar também durante a noite.